

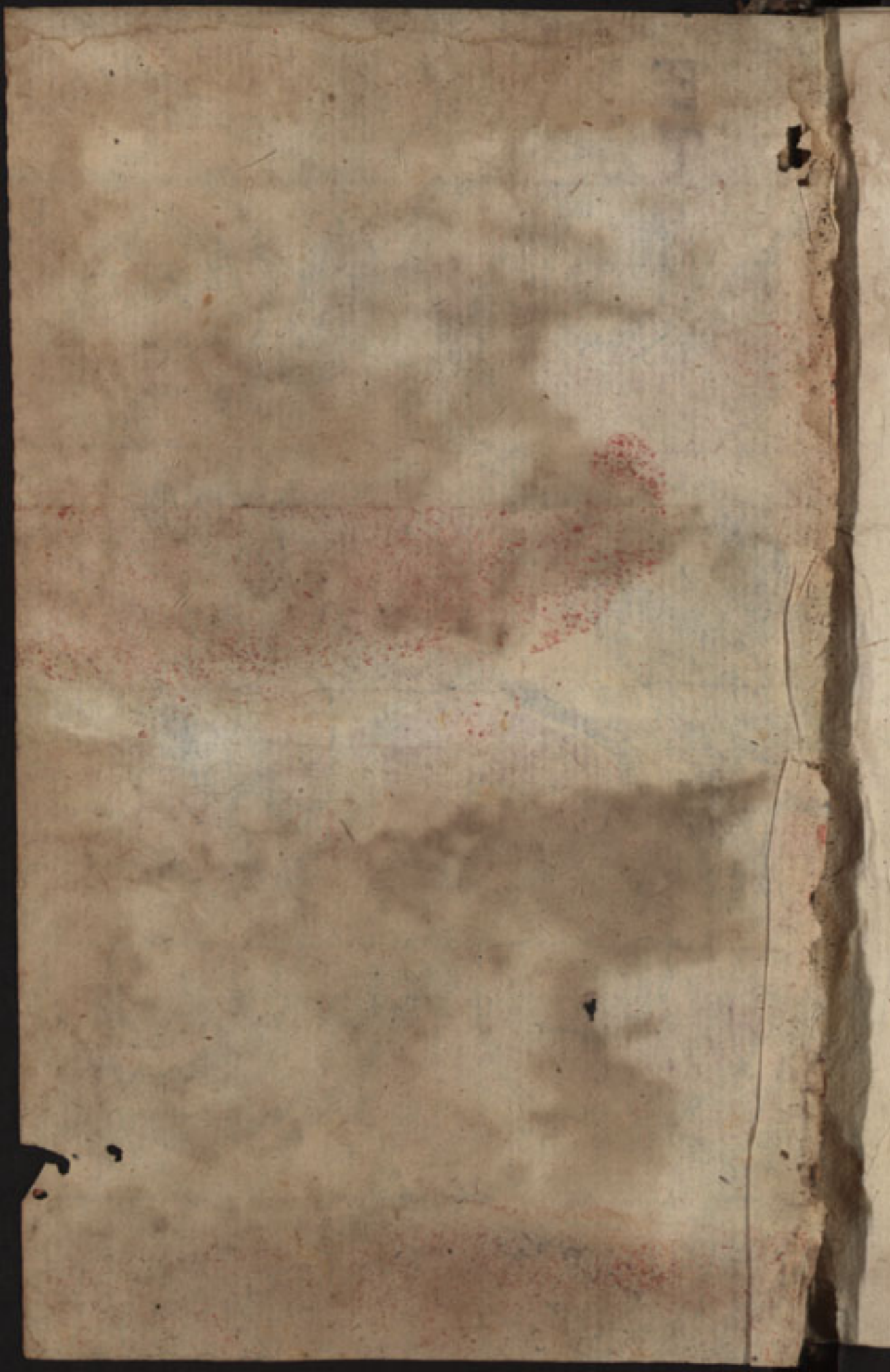
E. 38

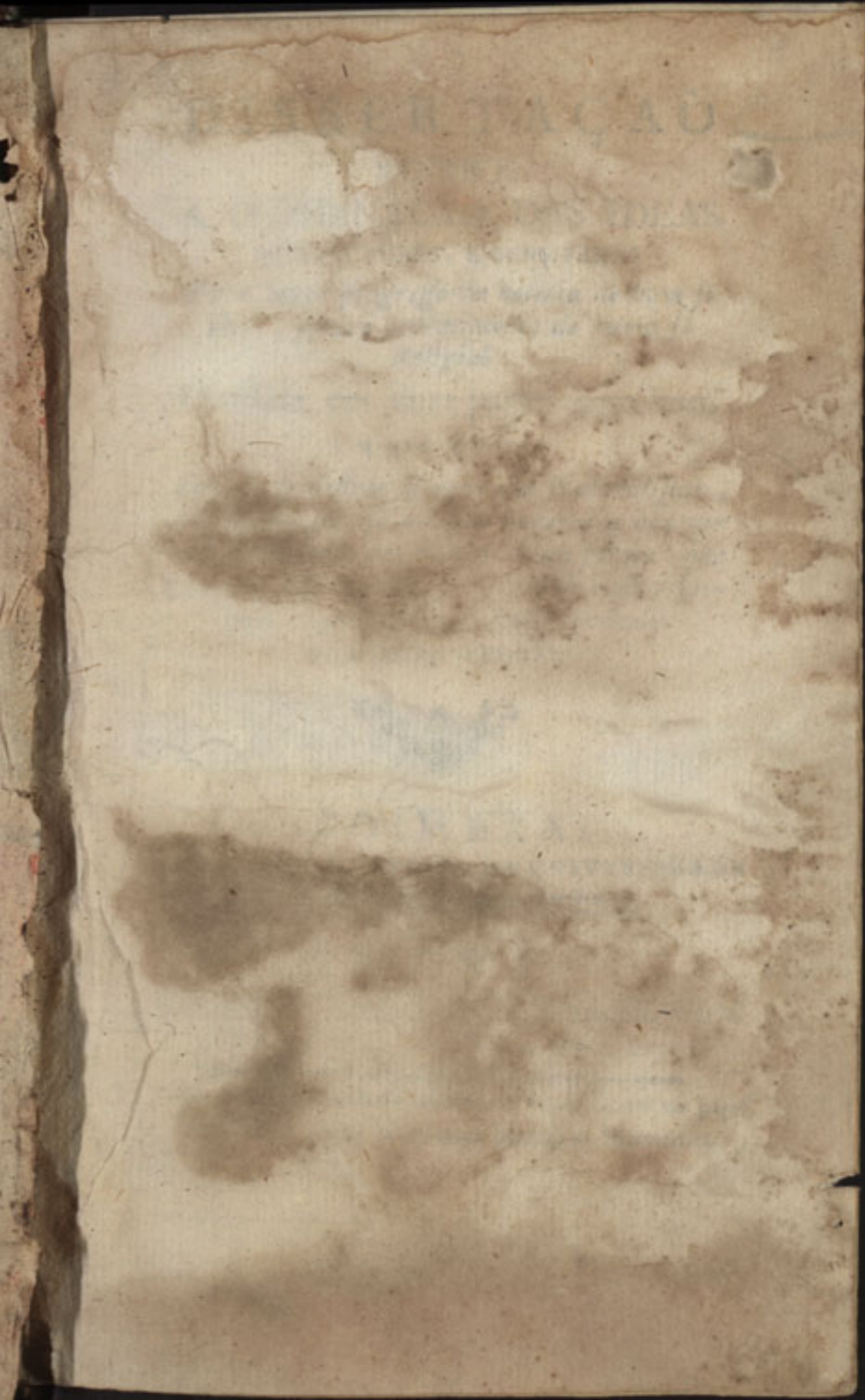
T. 3

N.º 18











DISSERTAÇÃO

SOBRE

A COMBINAÇÃO DAS IDEAS

INTELECTUAIS, E SENSIFERAS

*Para fazer progresso da noticia de hum só
Deos , para o conhecimento de huma só
Religião :*

Dividida em duas partes com hum

TRACTADO

*Em que se destroe o erro dos Naturalistas ,
que dizem ser só a razão natural a voz por
onde Deos falla aos homens , em forma que
faltando ella não ha obrigação de crer o Do-
gma , que se propõe como revelado.*

POR HUM ANONIMO



COIMBRA:

NA OFFICINA TYPOGR. DA UNIVERSIDADE

1791

*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral
sobre o Exame , e Censura dos Livros.*

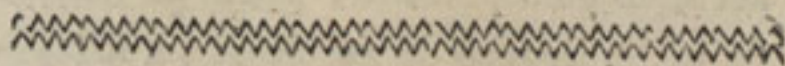
Foi taixado este Livro em trezentos e cincoenta reis em papel;
Vende-se na Logea de Antonio Rodrigues Marmelcira,





DISSERTAÇÃO

Sobre a combinação das ideas, principalmente intellectuaes, a fim de vir por hum modo natural, mas regulado, em o conhecimento do supremo ser, e seus attributos.



ADVERTÊNCIA.

S E ao entendimento, e percepção do homem subissem todos os conhecimentos de Deos com os Decretos da sua Dívina vontade, elle não só conheceria todos os possiveis, e os diversos modos de ser, mas todos os existentes: a tanto porem se não estende o conhecimento, e sciencia humana neste estado infeliz, cheio de trévas da
Part. I. A igno

ignorancia penal. Conhece com tudo este racional miseravel algumas coufas, e ignora outras, e duvida em muitas.

Devemos considerar o dito homem já em qualidade de animal terrestre, pela qual lhe competem os sentidos externos; já como espirito dotado de razão, por cujo motivo he racional.

Eu bem sei que a uniaõ d'alma com o corpo, e muito mais a fraqueza, que accresce pelo peccado, poem ao homem na triste situação de necessitar, e não poder viver sem algumas modificações, impressões, e representações sensiferas; mas querer, que desta fonte lhe venhaõ fó, tomado ainda como racional, todas as ideas, que formaõ as sciencias, he paradoxo; e mais crasso erro foi dizer, que a sua felicidade tinha daqui dependencia. O homem como animal terrestre não pode viver sem sentidos externos, sem ser vegetavel; como racional pode ter ideas, e noções sem dependencia delles.

Conheça o homem que a sua felicidade verdadeira não está na sua razão, muito menos nos seus sentidos, mas em Deus, lume do entendimento, descanso da vontade, primeiro principio, e ultimo fim, para onde se devem dirigir, e encaminhar todas as acções humanas.

Tambem conheça que nesta vida miseravel, nem se pode ver a Deus intuitivamente, nem possuir-se em perfeita felicidade. Comtudo pode ser Deus conhecido em si mesmo de alguma sorte sem interposta substancia, como já vou, e intento persuadir, principiando pela razão universal.

§. 1.

Que cousa seja razão universal?

A suprema, e universal razão consiste na regra incommutavel das cousas, e suas connexões. Não são as ditas regras, e a verdade immovel das taes connexões a substancia da alma, bem como a luz do

Sol não he a substancia dos olhos ; ellas superior , immovel , e geralmente só podem residir na arte do Supremo Ente , e Soberano Artifece , donde são luminosas , e se nos communicão , não só digão as verdades da Ethica , e Moral , mas da Methaphisica , e mais sciencias. Se eu formo este discurso : „ cogito , logo sou , e existo „ he ração particular minha , mas communicada da universal , e immovel que me diz , que nenhuma cousa pode cogitar sem existir , nem existir sem ser.

Semelhantes connexões , verdades , ou principios universais , e immoveis ninguém examina para contradizer , mas segundo elles se examina , e decide tudo. Em todos os homens são os mesmos estes principios ; ninguém os fez , e ajuntou ; mas todos os achamos expostos dentro de nós mesmos , excitados nas occasiões opportunas. E supposto no tom grammatical indiquem composição , ou a não tem , ou se a tem nascem estas noções compostas de verdades , e ideas
fim-

simplices , que estão presuppõstas no nosso entendimento innatas sem a menor composiçãõ ; das quaes simplices o mesmo entendimento , pôde formar facillima , e connaturalmente essas , que chamamos principios primeiros , sendo nesse caso segundos.

§. 2.

Rasaõ particular.

Chamo Rasaõ particular ao uso bom que faz o racional das sobreditas regras : sem rasaõ , ou rasaõ particular depravada considero no máo uso dellas ; o qual quasi sempre nasce de huma ignorancia culpavel , ou do imperio dispotico , e depravado da vontade. Naõ sei como se descobre aquella rasaõ universal ao entendimento ; nesta descoberta elle conhece , ou claramente penetra ser verdade o que a mesma rasaõ manifesta, e da'hi se colhe.

Todos os homens racionaes no uso da sua raciocinaçãõ tendo em si escritas muitas daquellas regras , para ellas se
con-

convertem , e as lem , sendo por mil modos excitados em certas occasiões opportuna , e importunamente. Não ha homem , que não tenha em si escondido este theſouro.

§. 3.

Verdade incommutavel objectiva.

A verdade incommutavel tomada objectivamente he o ser increado representando as creaturas , e respeito das cousas ; he a arte do artifice soberano , a idea inconcuſſa das cousas factiveis ; a regra da equidade ; a soberana univeſſal ração , que preſcreve a regularidade , que poem em tudo a ordem , e a conſonancia.

§. 4.

Verdade communicada , ou verdade participada.

As creaturas ſão eſta verdade participada : ellas communicão da primeira o ſeu ſer , e bondade proporcionadamente ;
e por

e por isso quanto este ser participado he mais ser, he mais bom, e mais vero, porque *Ente vero, e bom* tudo he o mesmo, o augmento de hum he augmento de todos, philosophicamente fallando saõ sinonimos.

§. 5.

*Verdade de percepção, ou
verdade de acto.*

Aquelle conhecimento com o qual o entendimento attinge a cousa, e seus respeitos, chamo eu verdade actual. Este acto pode dizer respeito á verdade do objecto da sua verificação por muitos modos; por conjectura, v.g. conjecturando que a idea A he applicavel ao objecto B: por crença, motivado no dito alheio; ou finalmente, e he o que faz ao caso, como tocando, e sentindo internamente na mente a verdade apprehendida com huma segurança tal, e claridade, que feita sería reflexão a quem conhece, não fica duvida prudente de ser, o que assim se
 appre-

apprehende, como se apprehende. Eu digo seguramente que esta claridade de conhecimentos intellectuais he signal certo, que me segura da verdade; de tudo quanto me for assim representado. Se não pergunto: porque sei eu que dous, e dous são quatro? Por ventura não he porque assim o vejo, e alcanço com o entendimento?

A evidencia que temos das cousas consiste no claro conhecimento, e intuito que dellas temos (salvo da evidencia intrinseca). Tudo quanto he concebido claramente, e percebido pelo entendimento não he chimera: se he entendido não pôde ser falso: diz S. Agostinho (a). Ainda aquillo, que os sentidos percebem claramente na vigilia, se elles estão sãos, e os objectos approximados, não he illusorio: mas emfim nas representações sensiferas não he tão seguro ser o objecto sentido como se sente; porque está o entendimento para poder corrigir as falacias

(a) De Genes. ad lit. L. 12. c. 14.

cias sensíferas, bem informado nas leis de representar varias, e diversas a respeito do mesmo objecto, que se sente em diversas circumstancias por differente modo. Em huma palavra se póde haver illusão em os sentidos claramente sentindo, não póde haver no entendimento claramente conhecendo: a Deos se imputaria o erro, se elle pondo no entendimento o intuito claro do objecto, falisse a tal representação manifesta, e perspicua.

§. 6.

As verdades incommutaveis quando são entendidas, são em si mesmas conhecidas sem interposta substancia, tocando nellas mental, e immediatamente o entendimento.

As sobreditas verdades vem-se em si mesmas quando são conhecidas, concebidas claramente no entendimento, pois não podendo este (como a seu tempo se dirá) ter imagens objectivas proporcionadas, em que as
pos-

possa ver, entender, e penetrar com perspicuidade; se assim se vem, forçosamente haõ de ser em si mesmo contempladas.

Nem aqui se pôde argumentar com os actos do nosso entendimento, que nos fazem ver as taes verdades na supposição de serem estes actos de conhecer imagens dos objectos conhecidos quaesquer que sejaõ, porque he falsa a supposição. Naõ saõ todos os actos imagens dos seus objectos; porque ou nenhuns saõ em si visiveis passando na sua voluvel existencia, ou se alguns podem ser vistos, e terminar como objecto outros conhecimentos, naõ haverá hum só, que possa ter em si objectivamente representadas as verdades incommutaveis, que por seu meio vio a alma contemplativa: porque semelhantes actos, e movimentos da dita alma, foraõ só meio unitivo para ella as ver: e se o entendimento pelo acto que immediatamente se dirige a contemplar outro acto, e conhecimento das verdades incommutaveis, vem no alcance dellas, naõ

naõ he porque o tal acto fosse imagem das
taes verdades , mas por excitaçaõ de ef-
pecies, passando do conhecimento de hum
termo mental para o conhecimento do
outro, do conhecimento do conhecimento
para o conhecimento do objecto delle ,
que foi ja em differente occasiaõ visto , e
conhecido, porém visto por outro meio, e
por outro modo: dado porém que esse co-
nhecimento das verdades incommutaveis
indique , e refira as taes verdades eternas,
que o primeiro vio , essa prerogativa go-
za só como uniaõ com ellas , naõ como
imagem propria , e intrinseca , indire-
cta , e naõ directamente. Nesse caso se
naõ verifica, que para o entendimento co-
nhecer com evidencia as tais verdades pe-
lo dito acto , naõ fosse preciso ter pri-
meiro outro directo a ellas immediata-
mente , e que ficasse dellas como impre-
gnado , para poder referillas , e represen-
tallas , e sem isso naõ. Em consequencia
naõ poderá nunca o nosso entendimento
formar hum cabal conceito das verdades
eter-

eternas , e incommutaveis sem primeiro tocallas em si mesmas.

§. 7

Aos nossos entendimentos em toda a parte apparecem algumas destas verdades incommutaveis , e eternas , as quais vemos muitas vezes ainda que não queiramos

Naõ são poucas as verdades incommutaveis , e eternas , que alcançaõ todos os homens queiraõ , ou não ; O' quantas vezes se daõ ellas a conhecer , ou seja essa visãõ intellectual , ou sem visãõ por não sei , que sentimento intimo do coraçãõ ! se me perguntaõ que verdades sejaõ estas ? nomearei algumas. Quem não vê objectar-se quasi sempre diante dos nossos entendimentos hum Ente assim concebido , sem fim , nem limite algum , prerogativas só do supremo Ente. Muitas regras da Moralidade , ainda que senãõ procurem , em certas , e urgentes occasiões se propalaõ. Tambem as do

nu-

numero , e dimençãõ se fazem patentes ,
 ainda que mais a huns , que a outros en-
 genhos. Eu fallo da dimençãõ da quan-
 tidade intelligivel , para naõ confundir es-
 ta com outra quantidade existente fora da
 mente , e fora da idea : a primeira naõ
 a segunda he o genuino objecto , que se
 presenta , para contemplar o Mathema-
 tico.

§. 8.

Corollario 1.

Collige-se ser a verdade incommuta-
 vel distincta deste , e daquelle contem-
 plativo della : porque se naõ he minha
 nem tua , mas patente a todos, he distin-
 cta de todos , diz S. Agostinho l. 12.
 conf. c. 29. A cogitaçãõ commutavel po-
 de alcançar , naõ formar huma verdade
 incommutavel.

Corollario 2.

He huma cousa positiva , pois tem pre-
 dicados positivos ; ella he boa , amavel ,
 e digna de estimaçãõ.

Co-

Corollario 3.

Ainda que o connotado , que respeita , ou representa , seja cousa creada , não o he a idea objectiva se he eterna , invariavel , immutavel ; antes do mundo ja era : ainda que não houvesse mundo seria do mesmo modo verdade tudo o que agora he verdade incommutavel objectiva. Digo incommutavel objectiva , para que ninguém se persuada quero dizer , que estas verdades *dous , e dous são quatro , hum palmo de vara he menor que toda ella ,* e outras semelhantes , são alguma cousa divina : pois semelhantes relações , e respeitos actuais nem entidade feroão diversa dos combinados , quanto mais cousa Divina (a). Quero sim dizer , que estas relações incommutaveis , e verdades eternas tem o seu assento immovel na razão in-

(a) *Sensû etiam numeros omnibus corporis sensibus , quos numeramus : sed illi alii sunt , quibus numeramus , nec imagines istorum sunt , & ideo valde sunt. Rideat me ista dicentem qui eos non videt , & ego doleam ridentem me S. Aug. conf. l. 10 .cap. 12.*

increada , na arte do supremo artificece , para que manifestada á creatura , esta possa conhecendo-as combinallas , e applicallas , servindo-lhe de guia , e direcção para o seu governo , acerto , e intelligencia.

Corollario 4.

Naõ he cousa que tenha todo o seu ser só com dependencia do entendimento creado ; pois ainda faltando este , e suspensas universalissimamente todas as operações intellectuaes creadas , as sobreditas verdades seriaõ do mesmo modo incommutaveis : e o entendimento creado naõ as fez , achou-as sem as fazer.

Corollario 5.

Naõ saõ cousa impossivel , ou chimeira ; porque saõ conformes os seus predicados , naõ tem alguma implicancia. Sendo verdades entendidas por algum entendimento saõ reaes verdades. Ninguem as poderia entender se assim naõ fossen: *Aut*

non intelligit, (falla S. Agostinho (a) do homem a cujo entendimento se objecta alguma cousa) *aut si intelligit*, *continuo verum est*.

Corollario 6.

Naõ podem ser modificações da alma ainda que dentro de si, e naõ fora, immediatamente se termine tudo quanto conhece.

Provas deste Corollario.

As modificações da alma pelo que diz respeito ao nosso conhecimento que dellas temos, saõ só sensações confusas: sentimos vivamente, mas naõ vemos, nem concebemos bem com o entendimento as relações, e predicados, que ha entre huma, e outra sensação. Tudo isto nasce de naõ conhecermos a nossa alma por virtude da sua idea archetypa; se assim fosse, naõ só teriamos huma experiencia, entenderiamos tambem as modificações que sentimos.

(a) De Genes. ad lit. L. 12. cap. 14.

mento , por meio do qual claramente vejo hum objecto claro. Vejo o tal objecto sem o sentir , não vejo o conhecimento , que sinto , e experimento dentro de mim. Certifico-me não ha duvida , que conheço ; pois para isso basta a experiencia intima , isto he , a consciencia da modificação , mas não entendo bem essa modificação , esse conhecimento , ignorando as relações , que ha entre esta , e outras modificações da minha alma.

O conhecimento com que alcanço as relações dos numeros põe á vista com evidencia a verdade dellas , mas não as suas delle. Tudo isto nasce , que as relações do numero , extensão , e semelhantes são conhecidas por mim na sua idea propria , mas não a natureza da alma , e suas modificações. Em huma palavra o conhecimento que temos da nossa alma he individual ; a minha conheço por consciencia , a dos outros por conjectura , e não a luz da sua geral , e especifica
idea

idea (a). Conhecendo eu logo a natureza da alma por meio diverso da idea della, devo concluir que as suas modificações me são manifestas do mesmo modo, isto he, por consciencia, sentimento intimo, e não por intelligencia.

Ora sendo isto verdade nenhuma idea clara objectiva, e intelligivel pôde ser modificação da alma. As ideas intelligiveis mostraõ, ou podem mostrar claramente os muitos respeitos que dizem, pelo contrario as modificações da alma, quando nellas tendo objectivamente nada me mostraõ com certeza, mais que huns certos sentimentos alegres, e tristes, humas certas experiencias, e poucas mais cousas que dahi se inferem, e alcançaõ, não por virtude só da tal sensação, mas pelo adjutorio, e

B 2

luz

(a) Se Mr. Descartes tem que a natureza, que melhor conhecemos he a da nossa alma, entendendo isto dá noticia particular, e individual de huma tal cousa singular, não o impugno; se entende do conhecimento da sua essência em commum, digo que melhor conhecemos a extensão figurat da materia, do que a natureza dos Espiritos incompletos.

luz de alguma idea intelligivel como já notei §. 1. e a seu tempo se repetirá §. 10. §. 25. , e na part. 2. art. 2.

Além disto ha ideas intelligiveis objectivas, que contem predicados sublimes, os quaes excedem infinitamente a alma, e suas modificações. Não são logo nestas modificações constituidas as taes ideas. Para prova basta trazer aqui á memoria a idea do infinito; ella refere hum ser interminavel, sem principio, nem fim. Não são por certo estes predicados applicaveis a quaesquer modificações da alma? Servirão as taes modificações para offerecer a phantasia pasto da imaginação tumultuaria, de nenhum modo serão termos mentaes dos intuitos intelligiveis das verdades eternas. As modificações da alma são voluveis, e não podem ser objecto constante das sciencias invariaveis. As ideas (a) que são modificações da alma, representaõ com variedade o seu objecto,

a

(a) As ideas sensiferas, que são modificações da alma;

a huns representaõ o mesmo como quadrado, a outros como redondo. Muitos homens vendo com os olhos do corpo a mesma torre, naõ a vem todos do mesmo modo, e grandeza; mas todos alcançando a relaçaõ, que ha entre dous e dous, vem do mesmo modo que saõ quatro. O Sinense, o Europeo, o Monomotapa vem estas e semelhantes verdades da mesma forte,

Ainda mais as sobreditas modificações saõ mutaveis, as ideas immutaveis: Logo se vemos com as modificações mutaveis as ideas, e cousas immutaveis, naõ as vemos nas modificações mutaveis, mas em outra cousa distincta dellas: ahi até o mesmo impio toca com o entendimento, ainda quando contradiz a verdade que sente, e della se aparta (a) *Ab illa luce avertitur, à qua tamen tangitur. Hinc est, quod etiam impii multa recte deprehendunt. . . . Quibus ea tandem regulis judicant, nisi in quibus vident? Neque*
in

(a) S. Agostinho lib. 14. de Trinit. c. 3.

in sua natura , cum eorum naturas constet esse mutabiles.

Pelo que desta verdade : *Eu sou mutavel , e todas as minhas cousas não se fegue : Logo tudo quanto vejo he mutavel : mas fegue-se ; Vejo cousas immutaveis sendo mutavel ; logo : Essas cousas , que vejo não são minhas , mas alheias , e distintas de mim.*

Que o mutavel veja o immutavel não implica , nem diz contradicção alguma ; porém he manifesta contradicção , que a mesma cousa seja , e não immutavel.

Tenho em fim concluido , que as ideas , que chamamos innatas , as quais constantemente representaó os objectos eternos , ou de verdade eterna , e incommutavel não são , nem podem ser modificações da alma.

§. 9.

Consequencias destes corollarios.

Quem não vê que as sobreditas verdades

dades são cousa distincta da alma, e do entendimento, que as contempla com suas modificações; se são ente positivo, e não chimera; se o seu ser he simples sem composição alguma, que não sendo em si creaturas eternas, se segue por legitima consequencia serem o ser exemplar na arte do supremo artifice representado, o qual deixando-se, não sei por que modo, ver da creatura racional, tanto quanto quer a fez intelligente, e illumina do modo que quer. Deos não he creatura mas contem perfeitamente todo o ser creado; conhece todas as cousas. Este conhecimento não he accidente, mas substancia, e exemplar; e por algum modo póde ser communicado á creatura racional, quando a ella se una mentalmente. Não me pertence aqui tratar do constitutivo do acto, e conhecimento de Deos, com que vê as creaturas, seja livre, ou necessario. Só digo que assim como o conhecimento Divino das creaturas diz respeito a ellas, tambem a idea archety-

pa o dirá , e sem vermos (a) a representação Divina na sua substancia , poderemos alcançar o que respeita , e representa por virtude da uniaõ mental : nem he inaudito entre os Peripateticos que a especie incognita dê a conhecer alguma cousa distincta della.

Esta uniaõ , ou amplexo mental da creatura com o Creador a eleva , e constitue na ordem de conhecer a verdade por hum intimo sentimento do coração intelligente , applicando-lhe mentalmente algumas destas verdades objectivas , para que as toque , e conceba mental , e espiritualmente, como por exemplo a rafaõ do ente sem lhe ver limite , ou contra-
 ção

(a) Não se deve reprehender o Philosopho por suster , que vendo as creaturas nas ideas , que estão em Deos , não vemos a Deos , mas as creaturas ; dizendo ao mesmo tempo , que na idea de Deos, isto he na representação dos seus predicados , vemos a Deos ; porque pôde verificar-se huma e outra verdade sem contradicção , com tanto que o conhecimento no segundo caso seja nesta vida inadquado , e obscurecido , mais abstractivo , que intuitivo.

ção alguma ; as razões do numero , extensão , e moralidade para que illustrado com taes luzes , e com o toque intimo das primeiras verdades , possa depois , fazendo attentas reflexões , e cavando nestes solidos , e seguros fundamentos , estribada nellas , adiantar os conhecimentos na Região da verdade , deduzindo das primeiras outras mais remotas , que se colhem dos primeiros principios , e das primeiras regras ; até dirigir as artes , e a norma das sciencias , ou disciplinas , concorrendo cada vez mais a verdade primeira , e increada com os esforços , estudos , e diligencia das creaturas para se lhe communicarem mais , e mais luzes , sem fazer aqui transito da ordem natural para a sobrenatural e suprema ; porque agora se não falla desta , mas da outra.

Naõ deve porém esquecer , que assim como Deos se infunde naõ poucas vezes á creatura para communicar-lhe conhecimentos , e luzes sobrenaturaes na ordem da graça , se possa tambem unir

á mesma creatura racional naturalmente para lhe communicar, como Author da natureza , algumas verdades naturaes : digo naturaes , por dizerem respeito á natureza das cousas , e não para que estas luzes sejaõ adjudicadas ao homem racional por algum direito de divida , ou jus , que nelle resida , mas por hum jus , e direito de inopia , para não ficar a obra da Arte Divina desordenada , e imperfeita, Se aqui se considera divida , he de Deos para Deos , e não de Deos para a creatura *Quis prior dedit illi , ut retribuetur ei.*

Do que temos deduzido se vem facilmente a conhecer , que Deos não só he o que allumia a todo o homem , que vem a este mundo ; mas o lume mesmo do entendimento intelligente. Assim philosopharaõ os Platonicos por isso estimados , e louvados de S. Agostinho no livro de Civitate Dei : *Lumen mentium esse dixerunt eundem ipsum Deum.* He Deos a Luz do nosso entendimento , que nos
des-

descobre para entender as mesmas verdades incómutaveis , e eternas , informando a mente racional , que não poucas vezes as contempla sem meio real absoluto ; mas não sem acto, e motu seu proprio ; porque o nosso acto de entender não he o mesmo de Deos , como impuserão alguns , que não perceberão , ou affectarão não perceber bem esta sublime Philosophia , nem a mente dos illustres Philosophos , que della tratao. Tanto assim que nem a mesma contemplação extatica dizemos ser sem conversão do contemplante para o objecto contemplado ; pois ainda que este objecto seja concebido sem meio , e phantasmas , não he sem acto , sem modificação da alma , sem conversão da creatura , e uniaõ mental della com a verdade eterna , a qual ficando em si immutavel , como he por effiçencia , mudã ao contemplante formado nella.

§. 10

Tres modos de apprehender os objectos

Primeiro modo: Pela experiencia dos sentidos intimos, ou das operações internas a alma racional apprehende, e fica conscia que conhece, que ama. . . &c. sem outra alguma especie, ou imagem, sem meio algum; depois reflectindo nestas operações conhece que tem ser, e existe; mas fez este discurio, porque teve idea innata do ser, e existencia; ella ausente o não faria. He util fazer aqui esta reflexão. Segundo modo: Por muitas, e diversas imagens dos objectos corporais, que na alma, não sei quem, e como se formaõ, mas sei que ella nessas imagens sente os corpos de fora existentes, na conformidade de certas leis instituidas pela providencia do Creador. Estas imagens são certas modificações, ou sensações da alma unida ao corpo, que ella, ou nella se formaõ, e resultaõ na occorrença com os diferentes
movi-

movimentos , e direcção dos objectos externos , que ferem os orgãos do corpo unido ; tudo dirigido para avisar a alma do que fóra se passa ; pois sendo os objectos externos incapazes de ser em si conhecidos pelas suas trevas , opacidade , e distancia , se vem a fazer conheciveis , e se conhecem nas ditas modificações e imagens mentais , que os representem , e fação de algum modo conhecidos , precisa a revelação Divina , ausente a idea intelligivel da cousa objectada , de cujas ideas , a respeito das cousas que se sentem , nos quiz Deos privar , não nos concedendo por este modo de as conhecer individualmente : substituiu porem para não ficarmos de todo cegos ás sensações , e modificações internas varias , e diversas dos objectos externos ; as quais são como humas revelações , que de algum modo naturalmente os representam : bem como as palavras , cuja imposição he preciso conhecer-se para não errarmos na sua applicação e uso.

O Ter-

O Terceiro modo de apprehender, he quando o entendimento humano se une naturalmente com o Divino ser, pela manifestação, e toque das verdades incommutaveis, e eternas; as quaes S. Agostinho chama Arte do Omnipotente Artifice. Deos não quiz fôllemos inspeçtores de todas as razões desta Arte, nem de todos os varios modos de as conhecer, mas dignou-se descobrir-nos algumas por algum modo, para que o nosso entendimento podesse apprehende-las, não estúpida, e sensivelmente em algum symbolo, em alguma imagem grosseira, e menos propria, mas tocando as ditas verdades em si mesmas, para contemplar com evidencia na sua beleza sem interposta substancia.

Illustração ao terceiro modo de apprehender.

Deste modo apprehendemos claramente o ente sem o limitar na mente. E que he ente illimitado se não o Supremo?

Da

Da sobredita apprehensão do Ente Supremo deduz o entendimento outras verdades inclusas nelle , se he Supremo , ha de ser forçosamente Espirito, Prudente, Bom, Optimo . . . &c. Deve logo ser venerado dos entes inferiores. Daqui vem que todas as Nações do mundo tem hum certo conhecimento de Deos , e por isso procurão render-lhe adorações , e obsequios de Religião: mas porque paraõ nas primeiras luzes , e apprehensões sem reflectir , e discernir ajustadamente , porque não procurão penetrar bem as propriedades e attributos deste Supremo Ente , que ainda que não queiraõ tem diante dos olhos do entendimento , apprehendendo bem julgaõ mal , attribuem á creatura o que he proprio do Creador , errãõ torpemente os cegos cuidando ser aquelle numen , que apprehenderãõ , o Sol , a Lua , ou outra qualquer creatura , e fazem retroceder para ella os impulsos que directamente tendiaõ para o Creador. Depois deste grande erro , não he muito accrescentem

outros atrozes nos modos profanos, e indebitos de adorar, supersticiosos, e nefandos.

Da sobredita apprehensão do Ente Supremo, passo a fazer menção da do licito e honesto, quero dizer, a idea das Virtudes moraes nos seus primeiros principios: *quod tibi non vis alteri ne facias*, e outras semelhantes. Algumas destas noções, ou principios todo o homem apprehende sem poder declinar a verdade dellas na urgencia de lhe serem necessarios para a pratica, e alem de o mover forte, e suavemente para se conformar com o que ellas dictaõ na obra, tambem lhe daõ luz para que cavando, contemplando, e applicando-se mais, e mais a sua indagação, se venha no conhecimento exacto das verdades mais particulares, e se possaõ facilmente tirar conclusões já proximas, já remotas. Nestas he facil padecer engano; porque o erro aqui se introduz sem ser conhecido pela má applicação das regras geraes aos casos particu-
la-

lares ; mas se eu sou docil , e sem precipitação a mesma regra me inspirará á não julgar ; e esta forte de lição não he menos importante que a primeira.

Para cabal instrucção do homem pelo que diz ordem ao civil , e politico quiz Deos dar-lhe idea simplez do numero , e da dimensão como base , e fundamento que haviaõ ser de todas as sciencias especulativas. Apprehendendo o Mathematico a unidade a multiplica , e torna a multiplicar , tirando o producto resultante , o qual divide , reparte , e compara descobrindo nestas operações as raizes cubica , e quadrada , as proporções geometrica , e arithmetica. Da mesma forte sem deixar as luzes , que lhe descobrio a unidade , apprehendendo a extensão intelligivel a limita , prolonga , e corta até formar linhas , e figuras varias , pesquisando as propriedades dessas figuras de mil , e mais lados , e de aspectos taes , que os olhos não alcançaõ , mas sim o entendimento , que discerne bem

as suas propriedades, aproveitando-se ao mesmo tempo das ditas verdades geometricas para se fazer perfeito na Optica, na Machinaria, na Architectura. Tira do teu entendimento as luzes, que te ministra a idea da unidade apprehendida em si mesma, e da dimençao, ou quantidade, e ficarás as escuras, e apalpadelas.

Naõ nos podemos fiar no numero, e quantidade exteriores tocadas com as maõs, e com os sentidos; se o fizermos ficaremos naõ poucas vezes enganados, pois nem sempre a sua apprehensao he exacta: liguemos sim nestes symbolos externos as ideas intelligiveis internas cuja apprehensao he voluvel de si, e fugaz para que alli se firmem na mente, naõ escapem, e desapareçao; mas regulemo-nos pelas ideas, e naõ pelos symbolos. O triangulo perfeito por exemplo, que se mostra na idea, tem tres angulos iguais a dois rectos exacta, e constantemente. O triangulo formado
fora

fóra della, onde quer que seja, pôde não ter essa exação, e não ser perfeito, ainda que o pareça.

Dos tres modos sobreditos de apprehender se compoem, formam, e se deduzem algumas ideas, ou imagens mentaes da maneira, que direi a seu tempo. Agora devo primeiro declarar que cousa seja o que eu chamo idea.

§. 11.

Do que se entende por Idea objectiva.

Por Idea objectiva entendo eu o objecto immediato do nosso espirito representado dentro do entendimento, ou em si mesmo, se for ahi visivel este objecto, ou em alguma fórma, sendo elle incapaz de se conhecer em si mesmo, seja por falta de aproximação mental proporcionada, ou por sua natural opacidade. A dita forma interna chamo eu Idea objectiva, terminativo immediato do conhecimento. Esta Idea pôde ser, e he ordinariamente alguma cousa distincta

daquillo a quem se applica , e nella se conhece mediatamente.

§. 12.

Que cousa seja Idea actual , ou de Acto , a que communmente se chama Idea formal.

Por Idea actual formal entendo eu a percepção , ou acto de conhecer , o qual se dirige , e encaminha para o objecto , ou em si mesmo visto , se he luminoso , espiritual , e intimo , ou para alguma imagem do dito objecto , a qual imagem tem a alma presente , sendo absente , ou material o tal objecto conhecido , a quem chamaõ de attribuição.

§. 13.

Que cousa seja Idea simples , e Idea composta.

Por Idea simples entendo toda a que não he composta de duas cousas , ou modos distinctos , e diversos. Pelo contrario he

he composta a que consta de muitas cou-
fas, ou modos diversos.

§. 14.

*Que cousa seja Idea innata, Idea intel-
ligivel, e Idea clara.*

Idea innata, ou infusa he aquella
representação objectiva, que nem a al-
ma formou de si, nem dos objectos ex-
ternos. Tal he a idea do infinito, até
na opiniaõ de Mr. *Arnaldo Des Vrayes, et
des fausses ideês* cap. 27. n. 2. *On en peut
dire autant de l'ideê de l'infeni, ou de
l'etre parfait. On ne peut concevoir, que
nous la puissions former de nous memes, et
il faut, que nous la tenions de Dieu.* Mui-
tas vezes conhece a alma que esta idea
naõ he ella mesma, mas distincta de si,
que se excita na mente em certas occa-
siões oportunas, para haver de ser co-
nhecido aquillo que representa. Sabe o
cognoscente muitas vezes que naõ he el-
le, que conhece esta idea conhecida por-
que

que descobre nella predicados diversos dos seus , e muito mais sublimes.

Idea intelligivel (a) he aquella termina-
ção

(a) Monsieur *Arnaldo Des Vrayes, et fausses idées* Cap. XI. pag. 108. determina a palavra *intelligere* para significar propriamente aquella cousa que se conhece sem que o cognoscente forme imagem alguma corporal no cerebro, ou aonde quer que seja, para a representar. Donde as cousas materiaes singulares (segundo o seu sentimento) como hum tal cubo, hum tal celindro, não são propriamente intelligiveis, mas sim sensiveis; e de rasoão *Parce que nous n'apercevons les corps singuliers que par le moien de nos sens. Mais en general elles sont intelligibles et ne sont meme que intelligibles.* Pela qual rasoão este Philosopho diz acertadamente, que quando hum Geometra demonstra as propriedades de hum quadrado, ou triangulo, isto não he de hum tal quadrado, ou triangulo, *mais de tout triangle, et tout quarre*, não tem porem rasoão ficando na persuasão que este objecto intelligivel que dá materia constante ao Geometra, consista nas apprehensões, ou modificações da alma cognoscente frageis, inconstantes, obnubiladas . . . O mesmo Arnaldo quer suster que as ideias que Deos tem na sua mente sejam tambem das obras individuaes in singulari: o Padre Malebranc impugnado pelo dito Arnaldo, e D. Antonio d' Annuniação inherente a S. Agostinho, dizem que as taes ideias são só das rasões geraes, as quaes Deos vé pela simples intelligencia, e as individuaes pela visão, que supõem acto de vontade; na primeira, e não na segunda
conf-

ção objectiva mental tão perspicua, e manifesta que deixa a quem a alcança seguro da verdade, razão, ou respeito ahí contemplado, que parece quem assim entende ter entrado com o entendimento sem imagens corporeas dentro da mesma verdade, ou pelo menos que a toca mentalmente sem velame.

Toda a idea intelligivel he clara. (a)

Por

constituem formalmente a idea exemplar; porque *indenticamente* tudo he huma substancia: seja o que for, eu digo que as ideas que se nos communicão por intelligencia são só das razões em geral; porque as cousas existentes se conhecem pelo sentimento, que dellas temos.

(a) Descartes tem que nenhuma idea clara mostra todos os predicados do objecto, com todas as suas propriedades, o Padre Malebranc diz, que ella produz luzes para discernir todas as propriedades da cousa, o que, e não lhe convem. O primeiro não diz mal, porque idea clara, e adequada são, ou podem ser diversas ideas: o segundo não quer dizer que quem attinge por idea clara hum objecto logo percebe todas as propriedades d'elle, o que, e não lhe convem; mas que a tal idea de sua natureza he apta para produzir essas luzes, supposto que a capacidade da nossa alma seja escassa, e vagarosa para discernir tudo ao mesmo tempo sem nenhum trabalho. Por esta razão quanto mais se contempla a dita idea, e nos applicamos

Por idea clara entendo eu aquella, que por simples intuito pode mostrar evidentemente a verdade do objecto, que representa, ou logo na primeira vista, ou feita reflexão, e justo raciocinio. Os conhecimentos destas ideas huns ajudaõ aos outros no descobrimento da verdade; elles de si saõ fecundos de verdades, de luz, e claridade; mas a nossa capacidade he curta e limitada; por isso necessita de cultura, e applicação nos seus progressos.

A idea pode ser certa, bem ajustada, e verdadeira, e não ser clara, assim como o nosso conhecimento pode ser de verdade certa, sem que o seu objecto nos seja intrinsecamente evidente,

§. 25.

camos á indagação della, tantas mais verdades alcançamos por virtude das luzes que administra. Vejaõ quantas, e quam innumeraveis verdades nos não tem patenteado, e descoberto os Geometras? Pois todas tem nascido da exacta contemplação da idea de *extençãõ* figuravel, e partivel, a qual não se deve negar esteja como exemplar representada na immensidade, e essencia divina, supposto que em si seja infiguravel, e impartivel; porque isso não impede representar exemplarmente tudo aquillo que ad extra for figuravel, e partivel.

§. 15.

Formação artificioza das ideas compostas.

Enriquecida a alma com os tres sobre-ditos modos de apprehender os varios objectos que conhece , a saber pelas intimas experiencias da sua consciencia , impressões sensiferas , e pelas ideas innatas, claras , ou intelligiveis , entra a fazer os seus juizos, e os seus discursos, os quais lhe vão deixando diversas imagens , e lembranças dentro em si mesma : estas lembranças sendo excitadas , fazem que a dita alma algumas vezes as recorde, conceba , e reconheça persuadida da verdade dos objectos , que já lhe foraõ representados sem ser necessario que se recorde dos motivos , que nesse tempo teve para assentir , e segurar-se da verdade dos ditos objectos, que agora lhe vem á mente.

E porque não direi eu que estas memorias , que não podem deixar de ser humas certas modificações intimas da alma , estaõ subordinadas á vontade do Philosopho-

losofo , e que podendo escolher dellas , como o Impressor as letras , haja de designar as convenientes para formalizar hum certo artificio objectivo, ou ideas compostas , e imagens daquillo que quer figurar, persuadir , ou examinar ?

Póde ser que estas ideas compostas figuradas na mente sejaõ só directamente imagens dos primeiros actos , juizos , ou apprehensões , e indirectamente dos objectos inferidos , ou apprehendidos. Devo com tudo advertir , que estas ideas haõ de reputar-se verdadeiras , se os juizos , e actos que representaõ foraõ verdadeiros , e conformes aos seus objectos representados , ou apropriados , e por falsas , e phantasticas se o naõ forem.

Devo tambem advertir, que supposto os actos recordados todos fossem separadamente verdadeiros , e as especies , que delles ficaraõ na memoria , separadamente consideradas conformes aos seus objectos solitarios , se mentalmente se unirem intentando figurar a idea de hum ob-
jecto

jecto composto , a quem ella se refira , e accommode, será idea falsa. Por exemplo a idea de hum espirito completo , e a idea da materia organizada, ambas estas ideas , ou especies tem separadamente objecto real , a quem se refiraõ sem ficção ; porém naõ unidas em huma só idea , ou imagem para significar a essencia do Anjo. Naõ só he preciso que os extremos da liga sejaõ verdadeiros , mas que essa liga seja bem fundamentada. Ninguem dá credito ás ideas , ou imagens, que na sua mente lhe forma a imaginação tumultuaria , e vaga.

Cada hum dos homens conforme apprehende , julga , e discorre , ou está affeçoado , forma de muitas ideas simples a idea completa do que quer figurar. O genuino Philosopho olhando naõ só a huma , mas para todas as faces , e principiando por partes a examina-las completamente , forma o seu juizo. Intentando v.g. figurar a verdadeira idea do homem , olha primeiramente para as
suas

suas intimas operações , para os seus juizos , para os seus actos internos de conhecer , e amar ; dellas infere ter no seu constitutivo hum principio espirital , e existente : da existencia dos sentidos externos vê , apalpa , e percebe constar tambem de corpo , e de corpo unido ao espirito pela admiravel correlaçã , e harmonia que observa reguladamente , e assim formalisa ultimamente a sua idea , e diz que he hum composto de corpo , e espirito , hum animal racional. Discorrendo assim discorre bem , e ajustadamente sem erro.

Pelo contrario hum Materialista pelas experiencias dos seus conhecimentos internos infere justamente que elle existe , e he cognoscente ; porém desvia-se da rectidão da verdade quando cuida não ter em si principio algum espirital , mas huma materia mais subtilizada capaz de amar , e conhecer , e outra mais crassa , que vê , e apalpa com os sentidos externos , donde miseravelmente enganado , attribuin-

buindo á materia mais do que vê incluído na sua idea simples (que he erro Philosophico) vem cega , e sophisticamente a concluir , que o homem só consta de corpo , excluído o espirito ; e figura daqui a idea humana de hum puro automato. Depois de hum tal Philosopho meter dentro de si esta patranha , passa a formaliza-la, e faze-la imprimir naquelles infelices discipulos , que cegamente o attendem como a mestre , e como a oraculo.

Por este modo he que se formão bem , ou mal as ideas compostas, coadjuvando para ser exacta a sua composição o auxilio , que com as suas luzes administra as ideas innatas , e intelligiveis ; ou pelo menos as memorias que na alma deixaraõ as apprehensões , ou juizos , que dellas se deduziraõ , pois sem estes socorros mal poderia o entendimento ajudado fomite das apprehensões , e ideas sensiferas figurar com exaçaõ , e propriedade ideas das cousas abstractas , immateriaes , e muito complexas. §. 16.

*A que causa se haõ de attribuir as ideas ,
que não são intelligíveis , mas sensiferas ,
com as imagens, e apprehensões que d'a-
hi resultaõ , e nascem.*

Os conhecimentos experimentaes, e sensiferos não são tão sublimes que não caibão na esphera da produçãõ da alma. He certo, que ella tem sua actividade pelo menos *ad intra*, pois não he pura potencia passiva. Ora sendo isto verdade, porque razão se lhe ha de negar a produçãõ das taes apprehensões, ainda fallando das primeiras, que resultaõ nos sentidos pela occurrencia, toque, ou movimento dos objectos externos communicado aos orgãos internos do corpo, e que a alma está unida? Por ventura ella não percebe, seja como for esses movimentos, e delles se affeiçoa por differentes modos de conhecer, tudo na conformidade das leis de representar, que instituiu o Autor da natureza? E se attenden-

do

do a essas leis alguém quizer attribuir só a Deos, como Legislador as primeiras modificações, e apprehensões; as segundas, os segundos actos, as reflexões sobre elles, e as diversas combinações mentaes, principalmente desordenadas bem se poderaõ attribuir tambem á creatura, e regularmente fallando assim deve ser. (a)

A alma he quem figura imagens falsas, ou phantasticas das verdadeiras,

e

(a) Não se deve negar que a vontade he mais que causa occasional do seu motu livre: quanto ao mais não disputo agora do modo com que as outras causas segundas o faõ; advirto porém que não poucas modificações pelo que diz respeito a conhecer, e imaginar, não estaõ sem algum influxo da vontade: o mesmo Malebranc. allegado por Mr. Arnaldo *Des Vrais, & fausses idées*, c. 27. fica de accordo que o espirito se pôde modificar differentemente *L'Esprit peut se modifier diversament par l'aëtion que Dieu met en lui.* pag. 483. O que supposto parece ter razão Mr. Arnaldo em dizer que segundo os seus principios podia Malebranc fazer o entendimento potencia activa pela aptidaõ de formar da idea do infinito a idea do finito; assim como fez a vontade activa pela faculdade de poder determinar ao bem particular a inclinação, que Deos lhe infundio para o bem em geral.

e legitimas apprehensões ligando na phantasia o que se não pôde ligar na realidade, formando idolos puramente mentais, donde procedem os erros, e infinitos prejuizos. Além disto todas as apprehensões da alma são modificações della, e eduzidas da sua substancia, ainda mesmo as que cahem sobre as ideas architypas, e innatas. A mesma doutrina se deve applicar a respeito de todos os juizos, discursos, e aetos naturaes da alma cognoscente, com as ideas, imagens, modificações, e especies mentaes, que dahi se formão, e nascem.

O que se mostra 1. Porque não são estas ideas substanciaes, alheias. 2. Porque não são qualidades absolutas, realmente distinctas della, ja abandonadas da Philosophia. 3. Porque não podem ser modificação alguma da materia, sendo ellas cousa espiritual.

Em fim se todas as ideas universalmente como se pertende fossem creadas por Deos, ou havia de ser no principio
quan-

quando se infundio a alma no corpo , ou depois quando successivamente se vai conhecendo hum , e hum todos os objectos , e individuos : não pode ser o primeiro modo de pensar , porque sendo sem termo as cousas , que a alma vai conhecendo , e pôde conhecer , seriaõ sem termo infinitas as ideas logo ao principio creadas , ou seriaõ indefinitas , o que implica. Nem huma só idea creada por Deos serviria para representar objectivamente todas as cousas , e ser terminativo mental proprio de todos os conhecimentos , porque essa idea creada assim concebida seria infinita com infinitas perfeições diversas. Não pôde ser o segundo modo de pensar ; porque a alma pôde modificar-se por si mesma diversamente , o que não faz a materia , que não se move , mas he movida. Esta proposição he innegavel. Se pôde successivamente a alma modificar-se ; porque não poderá em taes circumstancias produzir a idea , ou apprehensão daquelle objecto , cujo co-

nhecimento lhe he entaõ connatural? O
nosso modo de viver he acto de vida,
naõ pôde dizer-se rigorosamente creado,
nem ser existente, sem que o vivente te-
nha nelle a sua acção eductiva, ou pro-
ductiva. Basta aqui aquelle concurso da
causa universal, que he proprio, e indis-
pensavel, sem o qual a segunda naõ pôde
produzir o seu effeito; mas effeito que naõ
obstante se lhe imputa, e he de algum
modo produzido por ella.

O Argumento, que se forma para
persuadir a necessidade de crear Deos na
alma as ideas, ou imagens mentaes de
todas as cousas, que ella conhece, he
fundado na necessidade de ter todo o co-
nhecimento terminativo interior: a for-
ça do dito argumento se faz mais suazi-
va nos primeiros conhecimentos, que
tem a alma, dos objectos materiaes, e
sensiferos, que estaõ fora separados della.
He certo que nem o conhecimento, nem
a alma cognoscente sahe fora do corpo
para se vir abraçar, ou terminar no ob-
je-

jecto exterior , que está apartado , e ás vezes bem longe: logo dentro da alma se termina o conhecimento , e sem sahir para fora se une com o objecto cognito em alguma imagem mental , que faça as suas vezes ; e esta he a idea creada por Deos antes de todo acto de conhecer ; aliás haveria acto de conhecer sem termo de conhecimento.

A este argumento se responde por muitos modos : 1. que a idea ou imagem pretendida para ser termo , como se diz , pelo menos dos primeiros conhecimentos , que formá a alma sem ser creada por Deos particularmente *ex nihilo* , pôde ser causada , ou traducta por ella , supposta a lei da occurrencia tal , e tal dos objectos exteriores , antes de se produzir , ou expressar o conhecimento ainda primeiro , pois não he esta imagem tão sublime , que não possa commensurar-se com a capacidade de hum espirito cognoscente , e se este pôde produzir o acto de conhecer , porque não

D a

pa-



poderá produzir o termo do conhecimento, sendo na verdade seu modo, e modificação natural, propria d'elle, não qualidade absoluta, nem substancia alhea.

Em 2.º lugar dirá alguém, que o acto sensifero bem se póde terminar na imagem material interna do objecto externo; pois como todos sabem estas imagens, e delineações são impressas natural, e internamente nos orgãos dos sentidos; o que claramente se tem averiguado na vista dos olhos, em cujas membranas se admiração pela experiencia de Cartesio deliniados os objectos externamente fronteiros. Nem embaraça, que esta imagem sendo material seja immediato terminativo do acto espirital; pois ella está internamente unida ao extremo, com quem a alma tambem se une; e se por ser material não he imagem propria, e da mesma ordem, he quanto basta para notificar á alma unida o objecto correspondente, supposta a Lei de Deos, e a ordem que poz nas causas. Com estas
duas

duas respostas se dá cabal solução a toda a duvida ; e fica manifesto não ser necessario , que Deos infunda na alma por criação as ideas , ou imagens mentaes de todas as cousas que ella haja de conhecer por qualquer modo que seja , sem , ou com dependencia dos sentidos.

§ 17.

Se as Ideas innatas intelligiveis objectivas tem causa

Estou persuadido , e já mostrei , que muitas destas ideas , se não todas , são as mesmas razões increadas das cousas creaveis , que estão na arte do supremo Artifice , melhor do que na mente do Archycto está a idea das suas obras , aonde elle as vê , e contempla primeiro que obre. Sendo isto verdade não se pôde assignar causa alguma , que o seja das ditas ideas objectivas ; pelo menos se me deve conceder que as primeiras , e primigenias , invariaveis , e incommutaveis , que raião na mente humana , são in-

incausadas: sendo as razões, que estão na arte do supremo Artífice não tem causa; mas ellas são a causa, são o exemplar, são o lume que por si mesmo fecunda o espirito, que para ellas se converte, e as contempla; são o objecto incómutavel dos primeiros conhecimentos intelligiveis, intrinsecamente evidentes, e são como outros tantos amplexos da creatura racional com o Creador, e mental uniaõ com as suas verdades, como vou a explicar do modo que me for possível.

§. 18.

Uniaõ, ou amplexo de Deos com a creatura racional

Naõ será admiravel que apenas se possa explicar a presença de Deos na alma, quando apenas se pode perceber a vida da alma no corpo. A uniaõ do Creador com a creatura racional naõ só he possível, verifica-se tambem de presente no seu
 acto,

acto, e existencia. Todas as creaturas estaõ em Deos por *præsentiam*, porem as racionaes nelle vivem, nelle se movem. Esta uniaõ intellectual he maior, ou menor, segundo elle quer, e se digna comunicar-se. Ora sendo Deos Luminoso, e a alma capaz de ser illuminada, que mais he necessario supposta a dignaçãõ divina, que attender ella, e voltar os olhos do entendimento para ver, e perceber nesta luz, que a banha, o Autor da Natureza, que a creou á sua imagem mesma, e ahi as regras das sciencias naturais, e da moral, que dizem respeito, e faõ conformes ao estado natural da dita creatura, á qual se digna unir-se, e adoptar-se o Autor da Natureza, primeiro, e ultimo fim de toda, e qualquer substancia, que raciocina?

Eu bem confidero que o homem pelo peccado original, com que se deturpou, mereceo ser despojado de todos os dotes, e prerogativas sobrenaturaes; que foi ferido nas naturaes; porém se ficou
nesta

nesta parte escurecido , não quiz a dignação Divina se reduzisse a huma cegueira total ; e quando não tenha olhos de ver , ou tendo-os seja impedido , e embaraçado pela multidão desordenada de seus tumultuarios phantasmas , para não gozar de todo o esplendor da verdade em huma serenidade limpidissima , tem com tudo os olhos abertos , tem pelo menos toques intimos , e abraços do seu Creador , e da verdade para nelles , como por experiencia , poder attingir alguma cousa do Ser Supremo , dos Divinos attributos , das razões das cousas creaveis , as quaes sendo mortas , e tenebrosas fora de Deos , na arte do Omnipotente são vida , e luz como bem notou S. Agostinho sobre aquelle texto do Evangelho de S. João : *Sine ipso factum est nihil, quod factum est: in ipso vita erat* sem que a Vulgata correcta possa prejudicar esta lição como attesta Lucas Burgense: *Consulto illud quod factum est ita est interpunctum, ut & praecedentibus jungi possit, & subsequentibus:*

o mesmo S. Agostinho em outro lugar chama ao Verbo: *Ars quædam omnipotentis, ac sapientis Dei plena omnium rationum incommutabilium, & omnes in ea unum sunt. De Trin. lib. 6. e 10.*

Naõ quero dizer que estes conhecimentos de Deos transcendaõ a esphera cõnatural das cousas naturaes, mas assim como na ordem sobrenatural os Extaticos e outros contemplativos, por hum acto, a que chamaõ mistica Theologia, e contemplaçãõ passiva, se formaõ em Deos sem o ver intuitivamente, por meio, e virtude dos toques, e amplexos sobrenaturaes (que assim lhe chamaõ estes Theologos) da mesma forte por seu modo as almas racionaes unidas segundo a ordem natural ao seu Creador, sem o verem, pela intima experiencia, pelos toques, e amplexos naturaes vem no conhecimento, e alcanse das rações ideaes das cousas naturaes immediatamente, apesar dos phantasmas, que no presente estado acompanhaõ sempre os conhecimentos-

mentos da alma unida , e agravada pelo corpo.

He maior do que se imagina o comércio , que temos com a verdade: Deos não só he o lume dos nossos conhecimentos , mas tambem o termo delles ; não de todos , dos mais sublimes , e admiraveis. Deos he o alvo a que atira o pensamento casto , he objecto primario , que se presenta para contemplar a sabedoria humana. Não estão por certo , ó Philosopho contemplativo da verdade , nos artefactos creados o que ves com os olhos , e sentidos do corpo as ideas intelligiveis da verdade , que dentro em ti contemplas , e admiras. Essas ideas residem na arte do Artifice Soberano , e nós estamos mais nellas , do que ellas em nós ; as creaturas são excitativo , que nos fazem algumas vezes recorda-las. Quem alcança a verdade incomutavel , vendo as creaturas , he porque passa de hum conhecimento , e objecto para outro objecto , e outro conhecimento ex-

cita-

citado do conhecimento das creaturas visiveis, e palpaveis, que estão fora, passa para o conhecimento dos predicados invisiveis, que contêm as mesmas creaturas na sua virtude, apprehendendo-as donde ellas são luminosas; alli vê de Deos em Deos o que os olhos, e sentidos corporaes não pôdem: *Invisibilia Dei per ea, quæ facta sunt, intellectu conspiciuntur.*

§. 19.

A alma de si, e de seus sentidos não pôde formar as primeiras ideas objectivas, e imagens de muitas cousas, que claramente conhece v.g. o infinito.

Pondo de parte as ideas da Arte do Supremo Artifece, não ficão na alma, deixe-me fallar assim, cores simples materias, com que haja de figurar as imagens de muitas cousas que conhece: o infinito, o Ente Supremo, &c. . . Em consequencia ao espirito finito não pôde occorrer a idea do infinito, sem que o mesmo infinito lha manifeste, ou lha for-

forme. A alma, ou outra qualquer creatura não contém em si os predicados, que se descobrem em semelhantes objectos, a reflexão bem apurada não pôde extrahir de si, ou do objecto, mais do que nelle estava antes de meditar: o entendimento não pôde fazer imagem do que nunca vio, da mesma forte que os Magos eraõ ineptos para interpretar a Pharaó o sonh, sem este lhe ser propallado. He logo preciso confessar, que a alma, antes de lhe mostrarem o objecto de semelhantes ideas, nam pôde conhece-lo, nem formar delle idea.

Faz-se mais patente esta verdade a respeito dos conhecimentos evidentes, e das ideas claras, e intelligiveis. Quem não sabe que o homem racional tem a sua esphera de actividade limitada não só a respeito das operações materiaes, e sensiferas, mas das mesmas modificações mentaes, que não pôde, que he inepto para exerce-las por si só, sem soccorro de outrem, que seja de ordem superior?

Sen-

Sendo isto verdade , como poderá a alma finita, mendaz , e inconstante apprehender as regras incómutaveis da verdade com tenacidade tanta , sem hesitação , com evidencia clara , sem que venha em seu soccorro , e seja fortalecida por luz mais poderosa , e efficaz, que se objecte para a elevar ao alto superior a ella ; que lhe tire a sua innata hesitação , e mobilidade effencial , que lhe ponha diante dos olhos hum objecto tão claro , e luminoso , que a faça não hesitar nada a respeito da verdade do mesmo objecto que apprehende. As sobreditas regras da verdade incommutavel longe de serem formadas pelos meos pensamentos, elles são corregidos , e formados por ellas , ainda que eu não queira sujeitar-me á sua decisão : não he logo por mim deliniada , e pelos meos cabedaes , huma tal idea muito superior a toda a minha imaginação , e pensamento ; porém sobre esta verdade ainda tratarei mais largamente. Este grande lume em idea , ou em

em exemplar está sem duvida na arte do Supremo Artifece , e ahi se descobre mentalmente , ahi se toca , e apprehende: donde se segue, que a verdade imcommutavel , e o mesmo infinito existem na realidade. (a)

§. 20.

(a) *Si ce que je apperçois est l' infini present a mon esprit , ce etre infiniment parfait est donc. Si au contrairt ce ne est que une representation de l' infini , que l' imprimt en moi , cette ressemblance de l' infini doit etre infini ; car le fini ne ressemble environ l' infini , et n' en peut etre le vraye representation. Il faut donc que ce quis represente veritablement l' infini ait quelque chose de infini pour lui ressembler , et pour le représenter. Cette image de la Divinite meme sera donc un second Dieu , semblable au premier en perfection infinie : comment serat-il reçu , et contenu dans mon esprit borné ? Fenelon Demonst , d' le exist. de Dieu cap. 10. pag. 386. Il faut donc conclure invinciblement, que c' est l' Être infiniment parfait qui se rend present a mon Esprit , quand je le conçois. Idem pag. 387.*



§. 20

Implicancia , que aparece na idea , ou imagem propria , e particular de Deos distincta delle , e por elle creada.

Se a idea objectiva intrinsecamente representativa de que se falla , e só entra em questaõ , fosse creada por Deos , ou fosse elle o seu autor , seria ajustada , propria , e não alheia do objecto representado ; devia logo iguala-lo , ou contello : donde a especie que se finge igualaria a Deos , e seus attributos , e por consequencia ou não era creada , ou continha ao Creador a creatura pela ração da continencia, e estar no mesmo gráo de imãterialidade para usar deste termo Thomistico , por cuja ração negaõ todos estes Escolasticos a possibilidade de huma especie propria , e intuitiva de Deos , e seus attributos ; e outros grandes Theologos pela mesma ração , e fundamento negaõ a possibilidade de qualquer especie ainda abstractiva propria de Deos : e na

ver-

verdade em huma , e outra questaõ militaõ os mesmos fundamentos. Tudo o que naõ he infinito, ainda que pareça muito grande , está delle infinitamente distante , e apartado para lhe ser semelhante ; sendo infinitamente desemeilhante , nada tem de semelhante.

Agora me lembra que huma das razões porque os PP. vindicaraõ a Divindade , e Consubstancialidade do Filho de Deos , era ser igual ao Pai , havendo pela boa philosophia de ser igual na supposição de ser delle naõ artificial , mas natural imagem : e se nas cousas creadas se naõ acha semelhança do Nascimento do Verbo Eterno , tambem se naõ pôde achar da sua substancia Immutabilidade, Divindade, e Magestade : diz S. Agostinho de verbis Dom. 38. *Non invenitur aliqua similitudo nativitatís ejus , quomodo non invenitur & substantiæ ejus , & immutabilitatis , & majestatis ejus* : vêm aqui nascentes as palavras de hum dos Prophetas maiores : *Cui ergo similem fecistis De-*

um : Nec Deus exprimi potest ut est in se :
 Glossou Duhamel. Daqui ninguem pô-
 de arguir contra o uso das imagens de
 Deos , porque se nenhuma ad *vivum* o
 representa , excita a sua memoria , diz
 Sanches sobre o lugar citado de Isaias
 40. 18. *Neque hinc inferri potest illicitum ;*
& otiosum esse imaginum usum ; nam licet
imago nulla ad vivum Deum representet ;
excitare tamen potest Dei vivi , & veri
memoriam in hominum animis.

Nem se diga que a continencia , que
 argue igual , ou maior perfeição a res-
 peito do contido , só he naquella cousa ,
 que tem a virtude de obrar fora do en-
 tendimento , não na mental , e intencio-
 nal , que fica dentro do espirito ; porque
 o ser mental pôde conter , e causar o
 material , e não è *contra* ; o ser mental
 he de linha mais nobre que o não men-
 tal : a operação mental he a primeira , e
 mais illustre. A produção eterna he men-
 tal , e não material. O edificio na men-
 te do architecto tambem influe na obra
Part. I. E real

real externa , não pelo contrario ; na mente do architecto tem vida , fora he totalmente morta. Não tem logo menos valor a idea mental objectiva , do que o physico instrumento , casa , ou arca material de fora ; antes he mais nobre , e superior , e por conseguinte o continente he absolutamente ou igual , ou superior ao contido.

§. 21.

Illustração da mesma materia.

Sabemos com evidencia que ha hum só Deos , e que elle he Ente perfeitissimo, infinito, eterno, omnipotente, omnisciente &c. . . tanto assim que se disputa nas escolas , em qual destes , ou outros predicados divinos , que pelo lume natural nos são conhecidos com evidencia , consista a essencia methaphysica de Deos. Sendo isto verdade não se póde negar que conhecemos , ainda que escassamente , mas com evidencia a quiddidade de Deos, pois elle não tem acciden-

tes. Isto supposto pergunta-se se conhecemos a Deos quiddativamente nelle mesmo, e no seu lume, ou em alguma cousa, que o represente? Dizem alguns que se conhece em huma idea, ou forma creada por Deos mesmo, isto he o que vou a impugnar.

I Esta idea seria o meio *in quo* se conhecia a Deos, mas isto he o que não pôde ser: como posso conhecer a substancia de Deos na tal idea sem Deos ahi estar, ou ser a mesma idea: eu não posso conhecer no A o B, sem que este B esteja naquella A, se na idea conhecimento a Deos quiddativamente, Deos está na idea, ou a tal idea he o mesmo Deos. Nem satisfaz o dizer que na idea está Deos *in representando*: pois a substancia de Deos não se pôde propriamente representar com cores, e cousas creadas, e a tal idea, na supposiçãõ de ser feita para representar a Deos, havia de ser ajustada, e propria para esse fim. Não ha em todas as cousas creadas semelhan-

ça propria de Deos , e seus attributos , clama ensinado da boa Philosophia , e das Santas Escripturas o grande engenho de Agostinho. (a)

2 Esta idea seria imagem natural , e Filho de Deos ; pois imagem he : *id quod proprie repræsentat illud , cujus imago est* ; ella de sua natureza representava propria , e ajustadamente a Deos. Depois disto ; filho naturalmente he aquelle , que tem a sua origem *viventis à vivente in similitudinem naturæ* : ella que se não suppoem coufa morta , mas viva tinha a origem *viventis à vivente in similitudinem naturæ* , & quidem per intellectum : que mais lhe faltava para ser filho ? Isto he absurdo , logo &c. . . Nem me digão que essa idea he acto , pois não ha acto sem objecto , e desse objecto he que fallamos , affirmando que não pôde ser visto pelo acto , se não em si mesmo.

3 Não ha nem pôde haver coufa
crea-

(a) De verb. Dom. 38.

creada que contenha , ou possa conter a Deos , ou feus attributos : a supposta idea continha os attributos de Deos , logo &c. . . . Nem basta o dizer que os continha *in representando* , como dizem , e naõ *in essendo* : sem advertirem que a continencia *in representando* he ex genere suo melhor , que a continencia só *in essendo*. Digo pois segundo os bons principios. Quem contém propriamente *in representando* contém *in essendo*. (a) Naõ fallamos aqui da representaçãõ artificial , e imaginaria por virtude de alguma

ma

(a) Esta doutrina naõ discorda da escola. Basta trazer aqui as palavras de hum curso escolastico dos melhores : *Nam species impressa alicujus objecti inserviens ad cognoscendum illud clare, ut in se est, est ejusdem essentia, & speciei cum illo, . . . seu est ipsa species quidditas rei representata.* Salmat. tr. 2 de visione Dei disp. 2. dub. 5 Nesta mesma disputaçãõ dub. 5. *Esse representativum in specie intelligibili non est aliquod esse fictum. Sed verum, & reale esse intrinsecum: ergo species intelligibilis representativa Dei est in esse representativo ejusdem nature univoco cum Deo, erit utique idem cum illo in aliquo vero esse reali, ac prainde haberet univocam, & atomam convenientiam in predicto esse reali cum illo.*

ma liga , e uniaõ mental de muitas ideias de cousas ja conhecidas: nem da representaçaõ moral , e accidentalmente adherente ; mas da representaçaõ nativa , que he a quiddidade da mesma representaçaõ , a qual representaçaõ a nossa cogitaçaõ alcança e não faz , percebe e não constitue : esta he a que contém *in essendo* o que mostra em si representando nativamente: e por conseguinte a casa na mente do architecto não he menor, do que de fora ; a imagem do objecto visto, formada dentro da potencia visiva , da mesma sorte : o filho contido no pai he igual , porque saõ da mesma substancia *in specie*. &c. . . . Não estamos nas semelhanças typicas , methaphoricas , allegoricas , e improprias , estamos nas nativas , substanciaes , de si expressivas. Esta he a ração porque Mallebranc , e Fenelon , os melhores metaphysicos do seu tempo, sem tanto circuito de palavras propozeraõ a impossibilidade da dita ideia, como cousa evidentemente demonstrada,

Pois

Pois não havendo , nem podendo haver nas creaturas cousa semelhante a Deos , induzindo-se ella como semelhante se declarava chimera. Da doutrina exposta se colligem algumas verdades.

Corollario 1.

A alma não contem tudo o que conhece ; porque muitas cousas conhece por virtude , e adjutorio distincto , superior a ella , e nesse caso quem contem não he a alma , mas o adjutorio com ella.

Corollario 2.

Não he o mesmo final , e imagem. As creaturas podem dizer-se finaes do Creador por excitação , e não por representações nativas , e proprias do Creador.

Corollario 3.

As cousas espirituaes não se conhecem propriamente pelas semelhanças das cousas materiaes , nem as Divinas
pelas

pelas creadas. He expressa doutrina de S. Thomas. 1. p. q. 12. art. 2.

Argumento contra.

Conhecemos a Deos nesta vida como por hum espelho em enigma, como diz o Apostolo, logo &c. R. Por dois modos se pode conhecer o objecto por hum espelho; ou como couza transparente, que não embaraça a vista do objecto, ainda que o offusca, e diminue, ou como por reflexão dos raios da luz, que reverberaõ do espelho para os olhos. De qualquer modo que seja, nunca o espelho, mas a especie que nelle está he a que mostra o objecto que veja. Vemos pois diz S. Paulo como por hum espelho nesta vida a Deos; não porque alguma couza creada o represente propriamente, mas porque qualquer meio, que se interponha ainda que offusca, não tira de todo a vistaõ. Desenganemo-nos que nas creaturas não está a especie de Deos, que contemplamos. A belleza de Deos
como

como reverberando das creaturas para mim, se imprime no meu entendimento, e se manifesta em si mesma disfarçadamente, enigmaticamente, escaflamente, com tudo ella não estava na creatura, estava em mim ainda quando della não cogitava: he opiniaõ de Santo Agostinho *Aliud nosce, aliud cogitare*, por isso disse hum grande Philosopho, que nos nem sempre conhecemos o que sabemos.

Se me perguntaõ porque quiz Deos que fossemos excitados das creaturas para o cogitar, estando elle dentro em nós com as regras incõmutaveis da verdade?

R. que por muitas razões pode ser. 1. Porque hindo o homem procurar as creaturas fora para ser semelhante a Deos, o mesmo Senhor quiz, que pelas creaturas de fora fosse admoestado, para que se recolhesse dentro de si, aonde só havia de achar a verdadeira semelhança de Deos, ou o mesmo Deos. 2. Para que trabalhando na indagação das verdades se occupasse honestamente. 3. Para dar lugar

ao magisterio externo, e subordinaçãõ ; mas ninguem cuide que este magisterio esteja, em que o mestre produza as ideas na mente do discipulo, mas só para excita-las, e coaduna-las. Quanto aos sentidos por tres modos elles servem, ou embaraçãõ para a contemplaçãõ das verdades eternas, que estaõ impressas na alma. 1. Excitando-as regularmente, o que succede na faude, e na vigilia. 2. Offuscando as ditas verdades pelo nimio tumulto dos seus desordenados phantasmas, e succede na enfermidade, frenesi, letargo, embriaguez, e ainda no somno. 3. Pondo-se em silencio sem tumultuar, e succede no extasis, seja natural, ou sobrenatural: no primeiro caso excitaõ ; no segundo caso embaraçãõ a contemplaçãõ seguida, e attenta ; no terceiro caso se conhecem melhor as ditas verdades. Alem do extasis talvez tambem os sentidos se ponhaõ em silencio ao transito da morte. No somno naõ estaõ os sentidos sem acçãõ, porque se pode ouvir,

vir, ver, apalpar: para haver silencio dos sentidos he preciso cessem de obrar os seus phantasmas.

§. 22.

Como he o homem imagem de Deos, e das imagens, que chamaõ de Deos, o homem não he imagem de Deos por natureza, mas por participação.

Manifestando-se Deos á nossa alma pelo conhecimento, e unindo-se pelo amor, não procuremos mais para verificar o modo de sermos imagens de Deos, não imagens naturaes, mas sim participadas. Muitos Santos Padres constituindo a imagem de Deos no homem pelo conhecimento, e amor subnatural, com que foi creado, disseraõ que esta imagem perdemos pelo peccado original. Outros querem suster, se não perdeo de todo a dita imagem, mas que ficou obliterada, conservando-se ainda de algum modo nelle pelo amor, e conhecimento natural.

Em

Em huma , e outra sentença , ou sentido o homem não he de sua natureza imagem de Deos , mas por participação. Transformado o homem em Deos pelo conhecimento , e amor immediato , fica semelhante a Deos pelo mesmo Deos , que participa. Isto só se verifica no homem , e não em outros quaesquer animais cognoscitivos , que nem vem , nem conhecem a Deos , nem o podem amar , e por isso inferiores a elle , e subordinados. Seja-me licito trasladar aqui huma passagem de Thomas. de Incarn. L. 1. cap. 12. deduzida da auctoridade de S. Athanasio: *Nec enim veritas æterna intelligi a quocumque potest , nisi cujus mentem ipsa uti species substantiva , lexque intima , & vis superne aspirata irradiet. Quod hæc incommutabilis ratio , veritasque verbi ipsissima , cum sit imago Dei , ubi rationi nostræ se imprimit , illam vere ad Imaginem Dei affingit , componitque.*

Pode hum ente espiritual representar a si , e a outro da mesma , ou inferior ordem ,

dem , porque pode conte-lo ; e fendo luminoso em si mesmo representa-lo ; mas hum ente inferior mal pode representar em si exactamente outro superior , nem hum ente finito pode ser representaçãõ propria do infinito , e conseqüentemente nenhuma cousa creada he representaçãõ intima do Creador , o qual naõ obstante tem em si representadas as razões de todas as creaturas ; como he logo imagem do Creador a creatura ? Symbolica , imperfeita , e instrumental , em quanto ella pode ser cousa deputavel , a que se alligue a significaçãõ de Deos , para que o cognoscente do conhecimento do symbolo passe ao conhecimento do significado , feita a convençãõ arbitraria. Deste modo até hum triangulo com resplendores pode indicar a Santissima Trindade ; mas em tal caso precisa , e remota a deputaçãõ , cessa a significaçãõ.

Contemplamos , e representamos no entendimento o Creador vendo as creaturas , porque sabemos , que ellas são effei-

to

to daquella causa increada , e as suas razões , que estão na arte do Supremo Artifice expressas , e deliniadas se excitão no entendimento. Se as creaturas são copias das razões , que lhe dizem respeito , não são copias vivas , e directas do Creador. Não vemos o Creador representado nas creaturas , porem do conhecimento das creaturas dependentes do Creador se excita em nós outro conhecimento , o qual pode ver o Creador , em que estão as creaturas idealmente , do effeito vimos a conhecer a causa , mas daqui se não segue , que os finaes , e excitativos sejam tambem imagens proprias , e intimas do significado.

Sejaõ em fim as creaturas imagens do Creador , mas passivas , e não activas ; sejaõ imagens moraes , ou artificiaes , que não tenhaõ em si de seu as representações , mas emprestadas. O Verbo Eterno he Imagem propria, e natural do Pai : o Verbo creado pode ser imagem de outro verbo creado, quando o contiver inti-
ma-

mamente representado. A representação própria, e intrínseca do ser Divino, no ser creado he huma chimera ; porque o Divino ser não tem , nem pode ter fora de si imagem formal , ou exacta semelhança. Nem o acto do nosso entendimento , com que conhecemos a verdade eterna , he della imagem objectiva ; mas he huma apprehensão da dita verdade, hemeio unitive com ella , transformada a alma na verdade pela verdade , o que ficará de algum modo perceptivel com a semelhança , que para o presente caso adopta S. Cyrillo , e S. Justino do anel , que figura a cera sem a deixar , do finete que permanece fixo no que sigilla.

Por este modo ainda que admiravel seja o homem imagem de Deos , assim como he , ou pode ser filho , não filho natural , mas adoptivo pela infusão do Espirito Santo : seja tambem imagem não propria , e natural , mas participada pela comunicação , intelligencia , ou sigillação da natural. Agrada-me trazer aqui

as

as palavras de S. Ambrosio lib. de Fid. Cap. 4. *Nisi per imaginem Dei ad imaginem Dei esse non potest*: e S. Bernardo de Nativ. Dom. ar. 2. *Novam ego hic facio comisturam, ubi expressius, & robustius pono sigillum, eum qui non ad imaginem factus, sed est ipsa imago, non factus, sed genitus ante sæcula*. Por isso Mario Victorino inherente a S. Epiphanio hær. 70. no livro contra Ario não disse mal quando disse: *Homo non imago Dei, sed ad eundem imaginem*: Esta he a frase da Escripura tantas vezes repetida: nem obsta S. Paulo quando chama a Adaõ *Imago, & gloria Dei*, porque falla em outro sentido muito diverso, que só a elle como varaõ convem, e não a Eva.



§. 23.

Das apprehensões , e conhecimentos das Ideas innatas , e intelligiveis se podem formar imagens mentaes , que digão respeito , a algumas verdades deduzidas dessas Ideas , com tudo muito diversas dellas .

Depois de serem apprehendidas , e conhecidas as verdades eternas pelos actos do entendimento , ficaõ ao menos impressas nelle memorias dos ditos actos , especies , ou imagens delles ; e por consequencia lembranças dos mesmos objectos , que terminaraõ os taes actos , ou em quem elles tenderaõ . O que supposto , podemos formar ideas de muitas verdades que se contém , ou deduzem das innatas , e intelligiveis . Se servem as apprehensões sensiferas para formar especies , e modificações no uso da imaginação , porque não se dirá o mesmo a respeito dos intuitos , e conhecimentos ;

Part. I. F que

que se terminaraõ nas ideas intelligiveis , para discorrer , e para philosophar.

Se oppozerem que estas ideas objectivas naõ podem ter copias, direi que podem tellas os nossos primeiros actos que ellas terminaraõ , de cuja noticia pela sagacidade do engenho, e entendimento se formalizaraõ os segundos principios. Os objectos dos intuitos intelligiveis saõ indirectamente conhecidos pelos actos, que directamente tendem nos taes intuitos , e por isso naõ tem aquella viveza ineluctavel propria dos ditos intuitos , quando transformada por elles a alma cognoscente á face , vista , ou toque immediato dos objectos incommutaveis entende. Em huma palavra no presente caso entra a recordaçãõ em que pôde haver engano , e o termo immediato do conhecimento naõ he a idea , mas o seu intuito.

Tambem a alma se pôde enganar na lembrança , e recordaçãõ das conclusões , que o entendimento em outro tempo

po inferior de premissas, das quaes, ou se não lembra, ou se se lembra he sem penetrar de presente a connexão intrinseca dos extremos com o meio: isto ainda no caso de persuadir-se que a dita conclusão foi tirada de premissas evidentes; por quanto ainda que assim seja por respeito do engano, a que a memoria está sujeita pôde haver erro, e faltando a idea clara, ou pelo menos evidencia *in attestante*; não ha nem evidencia intrinseca, nem criterio methaphisico, e fica sendo de inferior ordem a certeza que pôde haver.

Como nas presentes circumstancias se não penetra á solidez da verdade immediatamente com o intuito entrando a reminiscência; credulidade, ou persuasão, a luz que leva o entendimento não he tão activa, que remova intrinseca, e necessariamente da alma internamente toda a reflexão formidolosa, como remove o intuito immediato das ideas intelligiveis, em que não só ha claridade de conhecimento, mas não pôde

haver medo de engano ; porque a luz das ditas ideas he taõ efficaz , que alêm de mostrar a verdade com evidencia , pôde segurar o intelligente , que essa luz , que vai seguindo , não he luz falsa , nem he phantastica , não he superflua.

Sendo isto verdade não he de admirar se experimentem tantos enganos na figuração externa das machinas , na dedução dos numeros , e contas , e de outras semelhantes produções , em que se descobrem a cada passo tantos erros , quando os agentes , sem penetrar entaõ as luzes das disciplinas, obraõ doutiva guiados somente pelas regras apontadas por outros , ou pelas lembranças das demonstrações passadas , e suppostas.

§. 24.

Da verdade das Ideas simples, e compostas.

As ideas simples , que não tem em si partes componentes não se podem chamar ideas falsas ; nem ainda mesmo as
fen-

fenfíferas , porque ja mais desfizem do que devem indicar, segundo a ordem que pôz o Autor da natureza na conformidade das difpozições internas , e externas das caufas segundas. Errão fim , e julgão mal os fenfientes , porque ignoraõ as leis de representar , e modos diversos , com que a alma deve fer affeioada nas varias occurrencias do corpo unido , que pôde haver com os objectos externos. Talvez que o homem foubefse discernir estas leis em todas as circumftancias antes do peccado original , e entãõ não feria como agora he tantas vezes enganado pelas apprehenções fenfíferas ; mas antes inftruido por ellas , e avisado fem padecer engano. Seja o que for , as ditas apprehenções nas fuas primeiras impressões indicaõ bem, fupposto que o animal racional reflectindo cegamente julgue , e difcorra mal ; porque não fabe ler bem , e ignora a fignificaçãõ dos caracteres , ou hieroglyficos , que fãõ as mefmas apprehenções connaturaes ao animante , e pe-
la

la natureza se imprimem sem as podermos declinar.

As ideas intelligiveis primigenias não tem composição alguma de partes, todas são simples, e por isso todas conformes ao que representa, e verdadeiras. Estas ideas nem nos enganao, nem fomos enganados com ellas pelo que respeita aos objectos immediatos da sua representação. Mas em fim ellas são geraes, prescindindo agora do conhecimento que nos daõ da unidade de Deos. Quanto ás creaturas não temos idea individual de cousa alguma, que seja intelligivel, e he preciso mendigar das sensiferas para descobrir, e formar idea cabal do individuo que se quer conhecer.



§. 25.

Ainda na falta de Idea especifica da cousa para defini-la, e se vir no seu exacto conhecimento, conduzem muito as Ideas intelligiveis dos predicados geraes da mesma cousa.

Muitos laboraõ no prejuizo, que a Philosophia fundamentada nas ideas intelligiveis, de que fallamos, pertendo persuadir que tudo quanto conhecemos, o vemos em Deos, ou nas ideas que residem na arte do supremo Artifice; e he tanto pelo contrario, que dizemos ter do conhecimento das taes ideas huma piquena extensaõ, coarctada ás cousas geraes, e universaes, exclusas as outras, (a) que não são verdades incommutaveis:

(a) *Concludendum igitur* (são palavras de Malbranche na illustraçõ ao lib. 2.) *omnia, quæ sensu cognoscimus, in nobis ipsi videri*, em nós mesmos, isto he, nas modificações da alma. Logo segundo este grande philosopho não vemos tudo quanto conhecemos em Deos determinadamente, mendigando dos sentidos, e outras luzes mais escassas, muitos conhecimentos conjecturaes, e sensiferos:

veis : quanto ás particulares , nem ainda da nossa alma singular temos idea intelligivel ,

• assim quando elle diz, que tudo se vê em Deos , quer dizer, que Deos he hum ser interminavel , e que tudo está nelle representado , que primeiro he o conhecimento do interminavel , que do termo ; que primeiro he o conhecimento do perfeito , que o do imperfeito. Quanto ás figuras Geometricas , que Deos tenha todas as cousas exemplarmente na sua mente , a que Mallebranc chama extenção intelligivel infinita , não se pôde negar , e que possa fazer-nos sensiveis algumas por meio , e occasião de varias modificações da alma unida ao corpo , tambem he innegavel. E assim não deve causar admiração , que a dita alma possa pela contemplaçõ ver intellectualmente , e como *in abstracto* , aquella mesma figura , que pelos sentidos *hic* , *& nunc* se sensibiliza , segunda as leis de representar , que traçou o Autor da natureza. Outro tanto não pôde fazer aquelle pintor produzido por Mr. Arnaldo , ao qual se offereceraõ as variedades de tintas , dizendo que naquellas massas estavaõ inclusas todas as figuras , que pintasse a vera effigie de S. Agostinho , da qual elle não tinha idea alguma determinada , nem sentimento que lhe separasse , ainda que lhe fosse com outras muitas objectada ; com o que se responde ao seu argumento cap. 15. *de ver. esalf. ide.*

Pelo que respeita ao conhecimento sensivel das cousas materiaes parece que , bem entendido , não diz cousa de novo o P. Mallebranc , pois no liv. 3. c. 6. traz as seguintes clausulas : *Verum etiam si dicam nos in Deo materialia & sensibilia videre : attendendum est me non dicere nos illa in Deo sentire ; sed dico duntaxat sensum illum a deo ori-*

givel, conhecendo-a precisa a fé fomentada pelas intimas experiencias de cogitar, amar, e outros actos, que são modificações da dita alma. Não temos idea archetypa das substancias especificas creadas, nem dos individuos, que vemos com os olhos, e palpamos com os senti

vi, qui agit in nobis: logo nega abertamente que as cousas sensiveis se fiatao em Deos; donde se segue, que além das ideas claras, e archetypas admite outras adquiridas; o que percebeo o seu antagonista; mas devera tambem este advir-
tir, que a extensaõ intelligivel infinita do P. Mallebranc não tem parentesco algum com aquella extensaõ infinita, que a S. Agostinho, antes de ser baptifado, se objectava; porque esta, como diz o S. nas suas confissoens, se fingia ser corporea, e porisso chimera; a outra nada tem de corpo, he puramente intelligivel: em huma palavra, quando diz Mallebranc, que os corpos se vem em Deos, ou na idea que Deos tem delles, o seu sentido he mostrar que das varias figuras em que os corpos se terminaõ, ou se podem terminar, temos clara idea, o que he notorio; aliás não seria a Geometria sciencia tão exacta. Da configuraçãõ interna, ou indole das particulas, de que se compoem os corpos, não temos idea clara, e por conseguinte não a vemos em Deos, segundo os principios de Mallebranc.

Este Philosopho foi reputado pelo maior de todos, que produzio a França. . . *Lami entret. sur la scienc. pag. 274.*

tidos. He preciso artificialmente formar de tudo isto ideas compostas , ajuntando o cabedal de diversos principios , e modos de conhecer sem nunca extinguir , havendo de ser exacta esta formaçãõ ás luzes das ideas intelligiveis acerca dos predicados geraes , que nellas , õu por ellas conhecemos , e applicamos bem , ou mal.

A idea que temos do ente sem limitação nos illustra , e guia para figurarmos a idea das coasas particulares limitando-a , na idea do Ente Supremo , e Omnipotente , que he o mesmo Ente sem limites , a qual se não aparta do nosso entendimento , vimos facilmente a conhecer a possibilidade das substancias creaveis sem numero ; porque assim se infere da Omnipotencia de Deos. Mas qual seja a idea archetypa , ou essencia , que na mente Divina corresponde a huma tal substancia creada *in specie* , não sabemos ; não vemos ahi esta idea especifica v.g. a Humana.

Bem

Bem vemos que o homem he ente limitado, mas qual seja esta limitação não determinamos cabalmente por virtude de alguma idea intelligivel. Temos idea do ente limitado, e imperfeito, como cousa emanada do illimitado, e perfeito; mas não nos descobrem estas luzes a differença especifica deste, ou daquelle ente imperfeito, e limitado; muito menos de qualquer individuo: eu vou a explicar-me com mais clareza.

O Homem conhecendo que conhece, sem difficuldade percebe ter em si hum principio espiritual diverso da materia; pois aquelle conhecimento he, e se vê excluso da idea desta: alcança tambem que existe, mas he porque tem huma idea clara de connexão necessaria entre as existencias de quem conhece, e do conhecimento. Dá o homem outro passo para se adiantar no exame do conhecimento do seu ser, vê com seus olhos, palpa com as mãos o seu corpo, e alcança facilmente ser elle huma machina bem orde-

ordenada , e disposta , que tem partes de materia extensas , e impenetraveis a outros corpos : e julga justamente que esta machina sim he corpo , mas não puro authomato , porque percebe que he animada , e a seu alvedrio se move , e defcança pella direcção , e vontade do mesmo homem. De todas estas reflexões figura ultimamente a idea de si , ou do homem composta de duas cousas diversas , e distinctas , mas unidas naturalmente , a saber corpo , e espirito.

Eis-aqui temos huma idea composta verdadeira para cuja formação concorreraõ as luzes intelligiveis quanto aos predicados genericos do ente. &c. . . As experiencias intimas de conhecer, e amar para induzir o espirito e os sentidos externos para não excluir o corpo ; a correlação , harmonia , e dependencia mutua para attingir a uniaõ de ambos. Era quanto luziraõ na mente as ideas intelligiveis se discorreo com evidencia intelligivel ; passando ás experiencias intimas
se

se discorreo com certeza ; ultimamente valendo-se o cognoscente das impressões dos sentidos externos se discorreo bem , e com verdade , faltando porém a evidencia intrinseca , notoria , clara , e patente da cousa apprehendida , e sentida tal , que o mesmo apprehendente queira , ou não , lhe haja de dar o assenso , ha entre a sociedade humana entendimentos tão grosseiros , offuscados , e malevolos que chegam a negar a dita verdade proferindo contra si mesmo huma infame sentença , dizendo sem pejo , que o seu homem não he composto de espirito , e que para as funções do discurso , e para a animação basta huma parte da materia mais subtilizada. Estes que assim fallaõ são libertinos.

Quanto ao meu intento basta só ter mostrado , como para a boa formação das ideas compostas daquillo de que não temos idea clara , ou intelligivel , conduzem muito as luzes , que se presentaõ no entendimento ácerca dos predicados gene-

ne-

nericos, que administra a idea intelligivel delles; se faltassem de todo estas luzes, ficando só as impressões dos sentidos, ficaria o homem sem soccorros pròptos para hum exacto raciocinio; ficaria quasi como hum animal estúpido que não tem intelligencia, e selecção no seu discurso, e conhecimento.

Se as ideas compostas só participassem daquellas luzes, que o entendimento mendigou dos sentidos, como quer Loke, a norma das artes, os preceitos das disciplinas, ainda mechanicas, seriaõ deterrados do entendimento, pois só nesse caso ficaria ao Mathematico, e ao Astrologo para contemplar como seu objecto, aquelle que formou a imaginação sensível, a qual sendo tão fluctuante, como vaga, não poderia ministrar ao Philosopho materia firme para o fim de deduzir as demonstrações tão evidentes, constantes, e solidas, como tira sem hesitação alguma firmado na materia, que contempla immutavel, luminosoza, verdadeira.

§. 26.

Todos os Philosophos, ainda o mesmo Locke, e outros semelhantes na formação das ideas compostas verdadeiras, attendem ás luzes de outras ideas simples, que não lhes entraraõ pelos sentidos, ainda que neguem isto mesmo, e o contradigão com a boca, falsamente persuadidos de que não tem mais Ideas, que as sensiferas.

Eu não quero negar, que as operações da alma racional neste estado de uniaõ com o corpo sejaõ acompanhadas, e misturadas com os phantasmas corporeos, e operações da dita alma sensiferas, e symbolicas; mas não são estes phantasmas as ideas intelligiveis da verdade. Sim, e não poucas vezes aquillo que as pode ligar na attençãõ para que não fujaõ, e escapem della, bem como as figuras, e letras, que forma de fora o Mathematico na carta, não são o objecto principal, que elle contempla, mas o instrumento externo a que pertende alligar as figuras in-
ter-

ternas , e numeros com o entendimento em si mesmos propria , e adequadamente perceptíveis , e com effeito alligaveis de algum modo ao symbolo externo , para que ahi como detidas as ideas objectivas não escapem , e fujaõ da mente , a quem as pertende cõtemplar ; como são em si mesmas na verdade , não symbolica , mas certa , clara , e perspicua. Isto supposto vejamos o engano , que Loke padece , e outros Philosophos na falsa persuasão a respeito das ideas que ha , e se formaõ das cousas , que se figuraõ no entendimento. Diz Loke , que o entendimento não faz os materiaes para a fabrica das ideas , mas que elle as acha feitas , e não são outras mais que as apprehensões sensiferas. O entendimento tem virtude , diz elle , para ajuntar , dividir , e formalizar artificialmente estas apprehensões , assim como o compositor faz na imprensa com as letras unindo humas a outras , e por este modo he que se figuraõ segundo Loke as ideas de todas as cousas cognosciveis ,

ainda univerfaes, até a mefma propria de Deos, e feus attributos (a).

Devera porem advertir este Philofofo, que o entendimento pelos sentidos fe pode unir, e dividir, não pode identificar, e que elles não tem vigor, e actividade para apprehender muitos predicados daquella mefma fubftancia, que fe vé, e apalpa: quando muito poderaõ os sentidos apprehender a uniaõ das coufas materiaes, e palpaveis em que tocaõ; mas

Part. I.

G

a

(a) Eu não quero negar que pelo adjutorio dos conhecimentos fenfiferos fe venha no alcance de algumas verdades ainda geraes, fõ digo que as verdades que alcançamos por induçãõ não tem aquella certeza, e claridade, com que conhecemos v. g. que *o todo he maior que a fua parte*, e que *dois e dois faõ quatro*. &c. Por quanto fe fõ pelos todos particulares que vemos, e averiguamos com os sentidos, observando constantemente este, e aquelle todo maior, e a fua parte menor viessemos no tal conhecimento geral, não nos havendo nós certificado de ter averiguado todos, não fariamos pela induçãõ cabal experiencia, e ainda que de algum modo nos fegurassemos da verdade do principio univerfal, não seria com a mefma perfpicuidade, que sem effa averiguaçãõ geralmente vemos, que *o todo he maior que fua parte*, e que *dois, e dois faõ quatro*. Isto he por idea não adquirida, nem composta, mas infusa, ou innata,

a identidade dos attributos substanciaes de nenhum modo : e sem esta identidade conhecida não se poderá de modo algum formar a idea adequada de huma substancia , muito menos da perfectissima : ainda que o entendimento das apprehensões , e ideas sensiferas ajunte infinitas perfeições, e as una em huma só idea composta , precisa a identidade , ella não será idea de Deos , será chymera.

Depois disto o conhecimento do perfeito he primeiro no entendimento , que o conhecimento do imperfeito ; primeiro Loke teve na mente a idea do ser perfeito , do que tivesse a idea deste , e daquelle ser menos perfeito , para o fim de fabricar de todas ellas , extrahida a imperfeição , e reservada a perfeição , a pertendida imagem do perfectissimo ser , que elle cuida ter com este seu artificio fabricada. A idea do perfeito já illustrava o entendimento de Loke antes de occorrer-lhe a idea de qualquer ser imperfeito ; estas ideas segundas , e talvez
com-

compostas são posteriores á primeira simples , e intelligivel.

Se a idea do ente sem limitação pura , unica , e simples perfeição não subira ao entendimento de Loke , primeiro daquella , que elle suppoem fabricada intencionalmente pela colleção de muitas , ou ainda infinitas perfeições particulares , não poderia elle vir no conhecimento dessa mesma , ou verdadeira , ou só imaginaria , sendo certo que o conhecimento do limitado , e imperfeito he posterior ao conhecimento do illimitado , e perfeito ; e por consequencia muitas ideas de Loke não foram fabricadas sem as luzes das ideas intelligiveis , que a vista , e conhecimento das creaturas excitaram , e não figuraram ; mas estes conhecimentos excitantes cheios de phantasmas Loke incautamente ajuntou com os intelligiveis , sem ter a estes por taes , para vir a persuadir-se que todas as suas ideas , ou apprehensões eram originadas da raiz sensifera , ou pelo menos que to-

das as cousas conhecidas pelo entendimento só eraõ figuradas , e compostas das ditas apprehensões , ou modificações da alma.

Pergunto a este Philofopho , qual foi entre os sentidos aquelle que apprehendeo alguma cousa donde o entendimento avifado podesse tirar cabedaes para formar a idea do *infinito* ? Dirá que da mesma substancia extensa , sensível , que se objecta aos sentidos externos ; vendo por exemplo huma vara comprida , dessa vista se tirou pelo entendimento a rafaõ de ente , de substancia , de extensaõ , prescindindo depois das extremidades da vara , ficou só na mente a especie de entidade extensa sem limites : assim temos figurada a idea do *infinito* na extensaõ , e por semelhante modo a da *perfeição*. Mas quero que me diga que cousa he a que corresponde da parte do objecto ao *ly* , ou termo *sem limites* ? Ainda que Loke a queira designar por negação , tal não he : he sim na verdade a cousa mais
possi-

positiva : esta realidade correspondente he a illimitação mesma , que se foi conhecer não na vara limitada aonde não estava , nem na alma finita , e imperfeita , mas na idea do *infinito* , e *illimitado* , cujo conhecimento a vara excitou , e por consequencia não só he cousa positiva , mas tal , e tão excellente , que nenhum dos sentidos pôde alcançar , e discernir com as suas mais vivas apprehensões.

Seja-me licito que torne a perguntar para maior clareza. Que objecto tem esse conhecimento da extensão sem extremos , ou interminavel ? Ha de ter algum a que se termine , pois não he puro acto reflexo em si mesmo. Não apparece senão o mesmo ser illimitado , o qual he cousa distincta , e diversa de todo , e qualquer acto reflexo , e objecto sensitivo. Vista a vara limitada excita-se no entendimento a idea do illimitado , a illimitação mesma , a qual não pôde ser formada pelo producto das sensiferas apprehensões , cuja esphera só se estende aos ac-
ci-

cidentes crassos do objecto apprehenso. Nem os mesmos sentidos apprehendem o finito como tal : pelo contrario a idea do infinito contem o ser finito na sua virtude de indicar , e por meio da sua contemplação se póde fazer cabal conceito do finito , e limitado : vindo deste modo a verificar-se , que conduzem muito as luzes , que deixaõ as ideas intelligiveis na mente humana , para a boa formação das ideas compostas , e fabricadas , e que faltando de todo as ditas ideas intelligiveis , os nossos conhecimentos seriaõ estupidos , ou timidos , ou de incerta providencia , quaes saõ os que tem os animaes puros , ainda os mais industriosos.

Nem me digaõ , que a alma não conhece o infinito em algum predicado seu proprio , mas só por negação , podendo unicamente dizer com verdade , que não he tal , ou tal ente , pedra , páo , Anjo , Homem. &c. . Por quanto a alma conhece que o *infinito* he superior , mais

nobre, e apreciavel, que o finito, e isto conhece certamente, e com evidencia; o que não pôde ser sem que pelo menos apprehenda no *infinito* com segurança algum predicado positivo, pois da pura negação, do puro nada não se verifica com evidencia aquelle juizo affirmativo, nem se pôde meter dentro no infinito aquella superioridade a todo o ente finito, a qual não pôde ter lugar sem os predicados do ser positivo *hum, vero, bom, melhor.*

A alma separada do corpo terá modo de conhecer diverso, porém unida ajuntão-se no seu entendimento as apprehensões sensiferas com os conhecimentos intellectuaes das ideas deste genero, porém estas não são formadas daquellas; os sentidos, e suas sensações são só excitativos para o entendimento, são como admoestações da natureza, que avisaão, e impellem o homem racional para que se volte de fora para contemplar dentro de si, aonde estão as ideas innatas, intel-
ligi-

ligiveis , que a alma não formou com cabedades seus proprios , mas achou formadas.

Esta mistura de apprehensões sensiferas , e intellectuaes avivada ao mesmo tempo deo occasião a Loke se enganar , attribuindo sómente aos sentidos o cabedal , ou para usar dos seus mesmos termos, todos os materiaes para a boa e exacta formação de quaesquer ideas compostas. Não teve porém razão este Philosopho , nem desculpa no seu erro ; elle bem podera ver que o *objecto* de humas apprehensões, e ideas , a saber sensiferas , era diverso , e distincto do *objecto* das outras intellectuaes , bem podia advertir , que a alma humas vezes conhece pelos sentidos , outras não , como o grande engenho de Agostinho já tinha notado a este respeito.

Para fazer mais perceptivel a sobredita divisaõ de conhecimentos exemplifica o Santo com a *verdade* , e com a *virtude* : esta não he lucida , nem colorada,

naõ

naõ odorifera , naõ he faborosa ao paladar , naõ he tactiva , ou palpavel , e com tudo he conhecida como intrinsecamente boa , digna de apreço , e louvor ; pelo contrario o vicio a ella opposto he vituperavel , torpe , e intrinsecamente máo : os sentidos naõ attingem a virtude com a sua recondita beleza , e com tudo ella he que forma a idea do virtuoso : naõ deraõ logo os sentidos grosseiros o cabedal , e materiaes necessarios para figurar huma tal idea , taõ sublime , e elevada.

Que responde Loke ? Dirá que naõ há virtude intrinsecamente tal , e que isto he virtude , e aquillo vicio porque os homens convieraõ , que assim fosse. Mas esta resposta he indigna de hum tal engenheiro. Naõ me causa com tudo admiração ; como naõ havia fallar assim este terreno philosopho , sendo os seus principios taõ errados , e inductivos de hum perjuizo taõ grosseiro contra a fé , e contra a razão ? Que homem por mais barbaro que se-

seja antes de toda a imputação , antes de toda a convenção com os outros homens , antes de todo o ensino , e instrução não vê claramente que matar o innocente , e outras cousas semelhantes de si mesmas são oppostas a razão , reprehensíveis , e indignas do homem racional , más , e abomináveis. Ainda no mesmo caso de convirem os homens nesse acordo , e de liberação de não ser reputado por máo esse vicio , nem por virtude seu contrario : ainda que a republica não castigasse , antes premiaſse ao parricida , incendiario da patria , elle seria internamente arguido , e castigado pela sua consciencia ; porque excessos semelhantes são de sua natureza intrinsecamente máos , e abomináveis , e as virtudes contrarias boas , e dignas de louvor.



§. 27.

Ainda que por virtude do entendimento se ajuntem às modificações sensíferas os conhecimentos do senso intimo, ausentes as luzes das ideas intelligiveis, que a todos illustraõ, não poderia a alma figurar muitas cousas, que conhece.

He certo que a alma não tem em si, e seus attributos, ou predicados as regras incommutaveis das verdades eternas, a infinidade, a illimitação, e outros quaesquer attributos, que excedem infinitamente a natureza, e modificações da mesma alma; com tudo o Philosopho tem claro, e certo conhecimento desses predicados: logo precisa a revelação, haõ de ser conhecidos em cousa distincta da dita alma, e por consequencia donde estaõ, e saõ visiveis. Não estaõ elles na creatura, mas no Creador; he pois necessario que em Deos, ou por Deos os veja. Nem aqui ha recurso para alguma especie propria, pois a não ha de Deos,

e seus attributos ; mas dado que a possa haver , e que o entendimento a possa formar , essa formaçãõ só poderia ser a face do objecto , de outra sorte a imagem não seria propria , e exacta ; mas tal , qual seria a que formasse o cego das cores , que nunca vio. Ora sendo isto affirm , a especie , e idea pretendida requer na sua primeira formaçãõ para ser exacta , que o entendimento que a vai delineando tenha á vista , ou pelo menos toque mentalmente o objecto exemplar. A rafaõ clara está ; o entendimento não faz arbitrariamente os primeiros objectos , mas conhece-os , nem delles pôde tirar copia antes de os conhecer , ou tocar , ou experimentar por algum acto vital cognoscitivo. Logo se o entendimento tem já em si a forma , a idea , a imagem do infinito he porque antecipadamente tem visto este objecto , ou o tem tocado mentalmente , aonde rezide , e se patentea , e assim ausentes as ideas intelligiveis , a alma não forma imagens de tudo o que conhece

conhece : estas ideas são o fundo da razão universal.

Se differem, que a alma vendo a Deos por essa vista pôde formar ideas das creaturas : logo vendo as creaturas pelas creaturas sem mais nada pôde formar idea de Deos. Respondo que não : a disparidade he manifesta, porque Deos contém as creaturas, e as creaturas não contém a Deos : as creaturas estão representadas no ser Divino, e não Deos no ser creado ; Deos em si mesmo he luminoso, sem limite, (fallo da luz mental) e as creaturas não, porque algumas são em si tenebrosas, externas, e materiaes, e não se conhecem em si mesmas fora da mente ; mas em imagens distinctas dentro della ; todas tem a sua luz limitada, e não há creatura alguma, que contenha o infinito, e illimitado : se o homem, ou Anjo conhecem intrinsecamente tão sublimes objectos, he na idea que não poderia formar sendo-lhe totalmente invisivel o tal objecto, a não tocarem ao me-
nos

nos mentalmente nelle na fonte da verdade, na luz do Verbo, que allumia a todo o homem que vem a este mundo.

Replica o arguente; se Deos he o lume dos entendimentos, e em semelhantes conjuncturas o allumia por si mesmo, deixa-lo-ha não illuminado, mas beatificado. Respondo: illuminado sim, beatificado não. A Bemaventurança não se concede constituida em qualquer conhecimento immediato de Deos, mas só no intuitivo, claro, e facial; e porisso ainda que o nosso conhecimento seja immediato deve reputar-se abstractivo, por ser obscuro, misturado, e obnubilado pelos phantasmas de outros conhecimentos, que distrahem ao mesmo tempo para differentes partes o entendimento. Em fim elle he voluvel, successivo, inadequado: *raptim*, *furtim*, *festinanter* elicito; não he limpidissimo, nem permanente quanto deve ser o beatificante.

Da inspecção das Creaturas do universo vem o nosso conhecimento na noticia
do

do Creador Supremo , não porque as creaturas sejaõ idea intrinseca de Deos , mas porque saõ obras da sua arte , da idea que dellas tem em si impressa , se as creaturas saõ copias desta idea , saõ neste sentido copias mortas sem intrinseca representaçaõ. A vista porem da obra excita o conhecimento da idea incommutavel , que só reside na arte do Supremo Artifice , e não no artefacto. Esta idea vista , ou tocada pelo entendimento humano , he a que faz de algum modo conhecer o ser Divino , e infinito pelo que diz respeito às creaturas : nesta idea viva , e não na copia morta , que se mostra aos olhos do corpo , he que ao entendimento se patenteaõ os attributos invisiveis , e sempiternos : *Intellecta conspiciuntur* : mas este conhecimento do entendimento , ainda que immediato , seja chamado abstractivo , e não intuitivo , por ser inadequado , voluvel obnubilado como já notaraõ a este respeito Berti , Collet , Tornely , Tomasino fallando de Deos , e da sua idea.

§. 28.

Se com verdade se pode affirmar do objecto todo aquelle predicado que se conhecer incluso na sua idea ?

Naõ se pode dizer absolutamente que he affirmavel do sujeito tudo aquillo que se conhecer contido na sua idea , pois sendo muitas ideas fabricadas pelo entendimento , ou pela imaginaçaõ falsas , e fantasticas , que desfizem dos objectos ideados a quem se attribuem , fica manifesto naõ terem todas as ideas compostas criterio infallivel da verdade : se a idea porem que se fabricou for verdadeira , se deve discorrer de outro modo ; e assim digo.

I As primeiras apprehensões sensíveis , que resultaõ da varia , e diversa occurencia dos objectos sensiferos tem hum certo modo de indicar os ditos objectos , ou seus accidentes , e direcções segundo as leis , que a este respeito poz o Autor da Natureza , e por isso naõ se devem cha-

chamar falsas ideas ; porem as reflexões , e juizos , que dellas , e sobre ellas forma o entendimento, sem ter esquadrinhado as ditas leis quanto baste, muitas vezes são falsas ; e consequentemente as ideas fundadas nestas falsas reflexões.

2. Huma vez supposto , que a idea composta he verdadeira , posso com verdade afirmar do sujeito o que vejo na sua idea , representado por aquelle modo , que se representa.

3. Tudo quanto se contém na idea intelligivel de qualquer objecto he affirmavel delle com verdade pelas razões ditas , e por serem todas estas ideas simples , claras , e conformes á representação objectiva. Em fim he affirmavel tudo quanto claramente se vir contido na idea clara , e evidente a quem conhece , pois he certo , que a evidencia nunca se separa da verdade.

§. 29.

Que cousa seja natureza universal?

As naturezas universaes da maneira proposta por alguns Peripateticos he huma pura chymera , se naõ digaõ-me que cousa he chimera? Por ventura naõ he suppor dois entes total , e realmente distinctos identificados ambos em hum mesmo ser real? Naõ ha duvida , pois he contra aquelle principio , *per se noto* : *Quæ sunt eadem uni tertio sunt idem inter se* : o qual valle sem disputa a respeito dos predicados positivos , e absolutos. Taes se induzem por estes Philosophos as naturezas universaes ; por quanto nos propõe a Pedro , v. g. e a Paulo , que saõ dois individuos real , e adequadamente distinctos , identificados , naõ obstante com a natureza universal commun á ambos , e de ambos predicavel realmente ; o entendimento naõ pode identificar a natureza de Pedro , e a natureza de Paulo em huma só realidade , nem dividir
em

em duas a que he realmente huma ; pode fim o entendimento considerar em qualquer dos individuos a rafaõ de natureza , e a rafaõ de differença em ordem a respeitoos differentes ; mas a realidade ; e entidade em Paulo sempre fica realmente a mesma antes ; e depois do conhecimento , e só he conhecida por differentes modos. A distincção dos predicados que tem Paulo só he da rafaõ , e dos connotados naõ de Paulo para a sua real differença ; nem de Pedro para a sua, em forma que só as differenças de ambos se distinguão realmente , e naõ a natureza ; porque na verdade toda a natureza que está em Pedro se distingue de toda a natureza que está em Paulo ; e naõ as differenças fomente.

Mas dirá o Peripatetico : nos experimentamos que vendo a muitos homens ; ou de perto , ou de longe ; prescindindo das differenças individuaes deste , e daquelle , podemos conservar o conhecimento da natureza humana commum a todos ;

e realmente predicavel de todos , porque em real verdade se diz , Pedro he homem , Paulo he homem . . . &c. existem logo na realidade , e sem ficção as taes naturezas. Respondo , quando nós fazemos isto passamos dos conhecimentos dos individuos da especie para a idea della , ou esta idea seja innata , ou composta ; e porque a dita idea he commum a todos na representação , pois a ella todos dizem respeito veridico , a todos o entendimento a póde applicar : mas esta , ou seja idea , ou especie , ou imagem da natureza universal humana , he distincta do homem que está fora. Quando affirmo que Pedro he homem , que Paulo he homem . . . &c. não quero dizer que são o mesmo homem commum , mas que ambos respondem exactamente á idea do homem , que ambos são animal racional. A idea do homem he universal a todos os individuos sem estar identificada com algum delles. A propriedade de relatos para o mesmo termo , para a mesma idea

deno-

denota exacção de semelhança seja entre individuos da mesma especie, ou entre especies do mesmo genero, seja ella essencial, ou accidental, ou propria, isto he, de predicados que digaõ respeito á essencia, propriedades, ou accidentes da tal cousa.

Tenho feito reflexaõ que todos os attributos, que se chamaõ perfeições simplesmente simpleses saõ predicaveis do ser Divino, e que todos os homens dizem sem hesitar com claro conhecimento, que Deos he Ente, que he Espirito, Infinito . . . &c. e que os mesmos homens sendo taõ tardos, e inertes na averiguação de outras verdades physicas, e mathematicas, tem naõ obstante tal promptidaõ, e facilidade para discernir se hum predicado he, ou naõ melhor que o seu contrario, que perguntados respondem logo com segurança, sim, ou naõ, conforme he verdade pela qual rasoã me persuado que semelhantes noções saõ outras tantas ideas innatas, que

os

os homens achão dentro em si mesmos sem as ter figurado , estas noções sem duvida illustrão muito o nosso entendimento para formar , ajudado dellas , com acerto os juizos uniuersaes , e o conhecimento de muitas cousas particulares.

Observou o P. Mallebranc , que todos os homens tem sempre presente no entendimento a noção de ente , não deste , ou aquelle ; mas do ente sem limitação , ou determinação alguma. Se cada hum de nós fizer reflexão em si mesmo achará ser isto verdade , a qual supposta entremos em huma mais attenta averiguação do que indique , e haja de significar esta noção. Differão não poucos , que he huma abstração da natureza de todos os entes , a que chamaõ *entis in genere* , ou ente communissimo , persuadidos que a dita ração foi pelo entendimento abstrahida , ou extrahida de todos os entes Divino , e creados sem reserva. Deverão porém advertir que Deos , e seus attributos proprios não só se não podem

dem univocar com as creaturas infinitamente distantes do Ente Supremo, mas tambem que segundo os principios da sua philosophia, as naturezas universaes abstrahidas haõ de excluir as differenças, naõ transcende-las na sua rafaõ universal, aliás naõ há abstração de differenças como he preciso para se constituirem taes, attendendo aos principios da sua philosophia. Ora as differenças do ente tambem saõ ente, e por consequencia o ente communissimo naõ deve gozar o privilegio de natureza universal. Viraõ os fobreditos Philosophos a força deste argumento, e sem se desembaraçarem bem delle, deraõ á rafaõ de *entis in genere* o primeiro lugar entre os predicamentos; eu me persuado que melhor se philosopharia dizendo que esta noçaõ de ente naõ he só abstração nossa, mas idea innata, a qual sem a fabricar achamos brilhante para nos conduzir ao conhecimento de Deos, e depois ao que quizermos. Faça todo o homem reflexaõ, e verá que elle

mui-

muitas vezes cogita no que quer, escolhendo a materia de que quer pensar, e depois mudando o conhecimento para onde quer. E qual será a razão, sendo certo, nada he querido sem ser conhecido: *Ignoti nulla cupido?* A razão he, porque tendo nós sempre brilhante o ente sem limitação, nelle primeiro confusamente se toca mentalmente o que cada hum dos volentes quer pensar.

§. 30.

Epilogo

Concluo, que para bem exercer as funções do seu discurso, e conhecimento, todo o homem racional tem prompta a idea de Deos debaixo da noção de Ente sem limitação; tem promptas as noções de muitos attributos, ou predicados a Deos applicaveis Infinito, Perfeito, Immenso. &c . . . os quaes se mostram ao nosso entendimento com evidencia: em huma palavra, além das ideas da

mo.

moralidade, dimensão, e número, tem as noções de muitas perfeições que se dizem *simpliciter simplices*. Estas noções intelligiveis, e innatas ajudão a alma para bem conhecer individualmente as essências das cousas inferiores, que se tocaõ com os sentidos, das quaes não temos ideas intelligiveis, mas apprehensões sensíferas, ou meras conjecturas. A luz das primeiras ideas excitada pelas apprehensões sensíferas illustra a alma para regular bem os mais conhecimentos com todos os descubrimentos, que ella faz na invenção da verdade.

Isto supposto, e reconhecido sabe o homem quando, e como ha de assentir, e duvidar, sabe livrar-se melhor do erro, do engano, do prejuizo tão familiar aos sentidos, e ás suas impressões: tambem fica certo que vive por Deos, e em Deos para mais o amar, e chegar-se a elle a fim de ser illustrado: *Accedite ad eum, & illuminamini*: sabe o quanto depende, tem recebido, e está recebendo

do

do Supremo Ente , para dar-lhe incessantemente as graças , e render-lhe submissas adorações.

FIM DA PARTE PRIMEIRA.



DISSERTAÇÃO

*Sobre a combinação de algumas ideas
infusas, ou innatas, e outras acqui-
sitas, para fazer progresso pela mes-
ma razão natural da noticia de
hum só Deus, para conhecimento
de huma unica Religião.*

PARTE SEGUNDA.

DISSERTAÇÃO

PARTE SEGUNDA



DISSERTAÇÃO

Sobre a combinação de algumas ideas infusas , ou innatas , e outras adquiridas , para fazer progresso pela mesma razão natural da noticia de hum só Deos para o conhecimento de huma unica Religião.

PARTE SEGUNDA.

ADVERTENCIA.

PARA se fazer mais perceptivel a noção , que o homem conserva de Deos neste estado de natureza corrupta , e saber até onde pode chegar o conhecimento , que d'elle temos naturalmente , he preciso não prescindir da infelicidade , e corrupção da mesma natureza. Ainda que o Dogma do
pec-

peccado original seja taõ abstruso , os effeitos da corrupção originaria sãõ muito palpaveis , e manifestos. Todãs as cousas tendem para o seu fim , só o homem , a creatura mais nobre , se desvia voluntariamente delle. Nada satisfaz no mundo a este miseravel homem , elle mesmo conhece , que de tudo toma enfado , e muitas vezes sem causa exterior para isso ; elle naõ achando nunca dentro de si o repouzo , a que continuamente anhela , foge para fora de si , e o procura nos divertimentos , e occupaões exteriores , mas em todas ellas se lhe mistura hum certo tédio , e desafocgo continuo. Donde vem , e nasce esta dezordem ? Vem do continuo resentimento da sua miseria , vem da faudade , para dize-lo assim , de huma certa quietação natural , e felicidade , que perdeo.

O homem pelo seu conhecimento se considera emnobrecido de hum ser espiri-
tual , de huma grande natureza ; mas ao
mesmo tempo pelas faltas , e defeitos de
mes-

mesmo conhecimento se vê miseravel. Nada mais sublime, nada mais ridiculo; grande pelo seu ser natural, baixo por seus defeitos; pode anhelar muito, conseguir pouco. O homem vê em si hum luta injusta da sua razão com a sua concupiscencia, esta, que como inferior devia estar sujeita, arrasta, e até parece que domina no homem para leva-lo a cogitar o que elle não quer, nem convem.

He na verdade o homem capaz de conhecer a Deos, mas tem para este conhecimento hum forte tédio. Procurando nós cogitar de Deos, quantas cousas nos não tentaõ, e desviaõ este cõnato, e pensamento? Desta desordem não pode ser causa o Author da natureza, mas o seu corruptor; não o Creador, mas a creatura: pode ella ser voluntariamente injusta por sua culpa, mas as obras de Deos são ordenadas, elle nellas nem he, nem pode ser injusto.

Devemos logo concluir, que o homem por sua culpa foi deprimido, que
 elle

elle se desordenou a si mesmo , que desceo para outro estado inferior áquelle em que foi creado por Deos. Não ha duvida ser este o estado da corrupção originaria em que nos vemos , e choramos , incapazes de conhecer tudo , e incapazes de ignorar tudo. Conhecemos de algum modo a verdade por hum tenue, e suave sentimento do coração , e depois pelo discurso : do primeiro modo conhecemos os seus principios , do segundo as suas conclusões ; indignos de Deos , e capazes de de Deos ; nem de todo arruinados , nem de todo irremediaveis. Isto bem entendido , em lugar de nos queixar, de que Deos se haja tanto escondido , devemos render-lhe infinitas graças , de que se digne tanto descobrir , e dar-se a conhecer.

Todas estas razões naturaes , e outras muitas cousas nos leuão como pela mão , em certo modo para rastejar , precisa a fé , o que ella propoem , e descobre dos dois estados da natureza innocente , e corrupta ; do peccado original , pena , e efeitos d'elle.

Deos

Deos creou o homem para o conhecer, o Ceo, e a terra, que o não conhecem. Adam, e Eva foram os unicos, que gozaram do feliz estado da innocencia; esta dita transfundiriaõ a seus filhos, se não peccassem, e não fossem logo exterminados com toda a sua prole.

Adam, e Eva innocentes em grande luz trataram, e conheceram a Deos; não era para elles nesse tempo, e estado Deos escondido, sem trabalho algum gozavam da sua presença; distinctamente o conheciam sem hesitação. Depois do peccado os filhos de Adam ficaram privados daquelle limpissimo conhecimento da quietação, socego, e felicidade, que dahi lhe resultava: mas não ficaram de todo cegos a este respeito; conhecem, ou podem conhecer a Deos, mas por outro modo mais remisso, e imperfeito; tudo isto foi ordenado com admiravel providencia do Creador.

Se o homem depois de peccar contra Deos o conhecesse do mesmo modo,

naõ se teria por injusto , nem arruinado ; se absolutamente o naõ conhecesse , nem podesse conhecer , naõ seria reparavel. Com admiravel economia retirou Deos logo do homem peccador o conhecimento do innocente , e temperou o mesmo conhecimento do ser Divino a respeito do homem castigado em modo , que lhe ficassem signaes , e impressões innatas da Divindade , taes , que Deos podesse ser conhecido daquelles , que o buscaõ , e escondido áquelles , que o naõ buscaõ , nem talvez querem conhecer , para que esses malevolos venhaõ a perder pela arrogante soberba aquillo mesmo , que a pura curiosidade pôde alcançar. Isto bem entendido vamos a indagar as noções da Divindade , que nos ficaraõ ainda impressas depois do peccado original.



ARTIGO I.

*Huma Idea , ou Noção da Divindade he a
felicidade.*

TODOS os filhos de Adam tem impressa na mente a noção da felicidade. Ella não pôde ser constituida em algum bem particular , e creado , pois este não poderia encher o vasio da capacidade da alma , nem tão abundante , que repartido podesse a todos os racionaes chegar com faciedade sem faltar ; apenas ficaria no primeiro , que o alcançasse , sem sobrar para o segundo. Toda a creatura he limitada , he mendiga da *Felicidade* ; esta *Felicidade* não he attributo proprio da creatura , mas alheio della. Toda a creatura racional pôde ser feliz , mas ha de receber de outrem a mesma *Felicidade*. Bem entendido, sem mais averiguação , só Deos pôde ser a verdadeira *Felicidade* do homem ; porque só elle pôde faciar completamente a capacidade racional de todos.

Agora reconheço sem difficuldade, que todos os homens conhecem a Deos naturalmente, porque como notou, ensinado dos antigos Padres, S. Thomas com a escola dos Theologos, todos os homens tem hum appetite natural da *Felicidade*, (a melhor prova que temos da immortalidade da alma) mas esse appetite da *Felicidade* não subsiste sem conhecimento da cousa appetecida, não podendo de modo algum a vontade amar, e appetecer o que não conhece: logo todos os homens conhecemos a Deos, que appetecemos: melhor talvez direi, sentimos todos a Deos pela noção, que temos da *Felicidade*, a que sempre anhelamos; dado que erremos nos meios, que a nossa corrupta natureza toma para conseguir aquillo mesmo, que appetece; supposto seja tal a cegueira de muitos homens, que desmentem o que não podem totalmente ignorar, offuscados pela nimia afeição ás creaturas sensiveis, pela sua desordenada concupiscencia, pela grande obstinação na maldade.

Se-

Semelhantes defordens faõ as que fazem os filhos de Adam mais indignos , naõ só dos conhecimentos praticos sobrenaturaes da graça , mas tambem dos este-reis , especulativos da natureza. Como poderaõ semelhantes homens reparar o damno da sua cegueira , se elles fechaõ os olhos , e ingressos á luz , e naõ desembaraçaõ os caminhos para poderem fugir da sua miseria , desprezando os foccorros promptos , e necessarios para livrar-se desta ; antes cada vez se apartaõ mais da luz pelos seus feios vicios , fazendo-se de novo indignos da verdadeira *felicidade*.

Conhece já ó homem miseravel , que paradoxo tu es para ti mesmo. Humilhate fraca rafaõ humana , e cõfessa ingenuamente a tua verdadeira , e defordenada condiçaõ. O nimio disvello em procurar divertimentos , o mesmo enojo , e defassocego , que elles causaõ , faõ huma prova admiravel da miseria humana , e da idea , que nos resta da *felicidade* perdida , cuja lembrança conserva o homem privado

vado della ; mas taõ superficial , e escassamente , que naõ sabe bem aonde está , ou o que ella seja. Dicta porem a rafaõ natural , que naõ podendo esta felicidade verdadeira ser cousa creada, a participaçõ de Deos creador ha de ser quem a constitua. Mas quem he este Deos , este principio que falla ? Por ventura será possivel , que o homem miseravel tenha accesso a este Numen , e *felicidade* suprema ? Fallo daquella *felicidade* por essencia , que só pode ter hum Ser Supremo , Optimo , Maximo.

Naõ he verosimil , que o Creador benevolo deixasse na sua creatura , ainda que miseravel , e injusta , a memoria , e appetite da *felicidade* verdadeira , sem que de algum modo lhe descubra o caminho , pelo qual possa conhecer o seu mal , e quem haja de ser o Medico delle , e a Medicina ; pelo que naõ deve omittir diligencia em ponto taõ importante. Deve orar , e procurar a sua instrucçõ com a maior diligencia.

O mes-

O mesmo Socrates, e Platóo nos seguraõ, e mostraõ bem a verdade de hum só, e não muitos Deoses. A Transmigração Pitagorica, e penal das almas querem suppor, e induzir alguma injustiça em a Natureza; porem por hum modo inverosimil, e arbitrario, sem provas; mas nem huns, nem outros Philosophos descobrem ao homem o modo de se livrar do mal, nem o caminho de chegar ao verdadeiro Bem, e *felicidade*. Os mais Philosophos não propoem systema algum suasivel, e sociavel; a mesma ração natural abomina muitos dos seus principios, erros, e paradoxos. Para quem remetteremos logo hum homem, que está disposto para instruir-se, e para curar-se? Leia os Livros de Moyses.

Nestes Livros achará o leitor a innocencia, e sabedoria, em que foi o homem creado, a causa de a perder, e a origem da sua miseria; achará tambem o modo de recuperar outra vez taõ grande perda. Em outro lugar direi alguma cou-
sa

fa para mostrar o credito, que merecem, ainda prescisa a Fe Divina, os sobreditos Livros de Moyfes. Agora quero só demorar-me em propor, e assignar outra noção de Deos, que ficou em todos impressa depois do peccado.

A R T I G O II.

Outra Noção, ou Idea de Deos, Infinitude.

IDEA he huma imagem interna de alguma cousa. Ora não se pôde negar, que todo o homem tem dentro de si impressa esta imagem, ou idea do infinito, porque elle claramente se representa ao entendimento humano, supposto este o não comprehenda. Na claridade de conhecer consiste toda a nossa evidencia; tudo que se conhece com evidencia he indubitavel. Ora todo o homem tem claro, e distincto conhecimento do *Infinito*; porque delle affirma sem a menor duvida o que certamente lhe convem, e delle nega pelo meïmo modo, o que lhe não

con-

convem: digaõ a qualquer homem, que o *Infinito* he triangular, par, ou impar, responderá logo sem hesitaçaõ, que tal naõ ha; porque a idea, que delle tem, lho mostra clara, e distinctamente sem limites, sem numeros, sem modificações, sem principio, nem fim, nem meio, nem partes finitas, ou infinitas assignaveis, ou indeterminadas. A sobredita idea do *Infinito* a si mesma se illustra pelo discurso. Ella he que me ajuda a philosophar do modo seguinte.

Se o *Infinito* tivesse partes, seriaõ humas limitaçoẽs das outras, e por consequente nem ellas, nem o todo, illimitado, ou *Infinito*. Tudo isto he clara, e distinctamente certo: a evidencia das sobreditas proposiçoẽs mostra naõ ser o sujeito dellas chimera; mas verdade real claramente concebida.

Pella mesma rafaõ dirá qualquer Philosopho, que usar bem das suas ideas, que o *Infinito* nem pôde ter de nada o seu *ser*, nem foi creado; porque se
fof-

fosse creado seria dependente , precedido pela sua causa em differente instante , pois todo o ser creado tem causa externa , (a não ser só emanação *ad intra*) primeiro deve existir a causa completa , depois o effeito producto : por isso não podem duas causas ser *invicem* causas no mesmo genero , e instante ; nem póde causa alguma a si mesmo causar-se : se existe sem causa he infinitamente perfeito. Os defeitos das creaturas não só mostraõ a sua limitação , e *finidade* , mas tambem , que ellas não são per si existentes ; se não são por si mesmas , são por outrem ; este ser por quem são ha de ter primazia , e não ha de ser por outro ente , para não virmos em progresso infinito , ou *infinitum*. Excita logo o ser das creaturas o conhecimento de huma cousa incausada , de hum ser por si antes dellas existente. Ora o que tem per si o seu ser he eterno , e infinito ; porque elle traz sempre consigo a causa , e necessidade da sua existencia interminavel , e illimi-

ta.

tada. Nada logo se póde ajuntar á sua verdade, e á sua perfeição sem limites. He por si mesmo tudo o que póde ser: isto he existir no supremo gráo de ser, e por consequencia infinitamente perfeito.

He jogo de palavras disputar, e perguntar, se hum infinito he, ou póde ser maior, que outro. Pergunta he esta taõ inepta, como he incompetente aquella, que a respeito de huma estatua toda de ouro inquirisse a especie de páo, de que foi fabricada. Todas as vezes, que dizemos minoridade, ou composição, lançamos fora a infinidade, ella que não póde ter limites, os teria abraçando em si qualquer entidade, ou modo, com que se partisse, augmentasse, ou diminuisse.

Não he menos improprio aquelle modo de repartir o eterno em duas metades, á parte *ante*, como dizem, e á parte *post*. Estes termos suppoem hum *preterito* passado, e hum *futuro transeunte*, nada disto tem a eternidade. Estes
ter-

termos só são próprios, e medidas do tempo, e temporal, successivos, e contradictorios da eternidade permanente, e sempiterna. O que he de huma absoluta permanencia exclue essencialmente antes, e depois, mais ou menos, tarde, velho, moderno. Estes, e semelhantes termos indicaõ mudança das cousas creadas, a qual he na realidade o mesmo tempo: esta mudança diz negaçã de permanencia no ser; donde se segue, que toda a successã, ainda indifinita, he contradicçã da Eternidade, e da *Infinitude*.

A duraçã, e extençã do *Infinito*, e eterno não tem, nem pôde ter repartiçã, nem medida, ou seja a respeito do seu todo, ou de quaesquer partes. Não ha aqui se não immensidade, hum ser simples, sem partes, nem medida dellas, sem futuro, nem preterito, sempre existente, correspondendo na sua existencia simultanea, sempiterna, do mesmo modo sem distancia a todos os futuros, e preteri-

têritos, só distantes a respeito huns dos outros, mas não da eternidade, e do ser infinito, que corresponde fim ao permanente, mas não succede para corresponder: elle sempre está, o ser creado falta, quando não existe; quando existe corresponde em tempo, mas o ser infinito, é eterno não tem tempo, nem successão, nem mudança: a falta de correspondencia não he de Deos, he da creatura. Deos fica sempre permanente, e não succede, succede a creatura. O agora de Deos não he o nôssô; o nôssô tem, ou pôde ter depois; porém o agora de Deos he, e não tem antes, nem depois, isto he, fim, nem principio; porque he eterno; he infinito. Donde só elle, e não outra alguma cousa pôde ter semelhantes attributos, ou predicados.

O finito porém he limitação passiva do infinito activo; mas este ser excellentissimo, que de nada faz o que quer, não he do nada, he per si mesmo; é por isto he tudo o melhor que pôde ser,

fer , sem limitação , e com perfeita exclusão do nada , ou seja este nada respectivo fomite , ou *omnino nihil* , se he que o dito termo complexo , que acaba de referir , tenha , ou possa ter alguma concepção no entendimento. Por ventura não he o que tenho dito evidente , e perceptível ? Parece já excusado persuadir ainda mais , que todo o homem racional tenha dentro , ou junto a si exposta de algum modo claramente para poder contemplar a Idea , ou Noção do Infinito. Mas eu quero ainda demonstrar-lo por outros modos.

Se o homem em si não tivesse esta refulgente idea do *infinito* , nunca poderia vir no conhecimento do *finito* como tal. Ninguém conhece a fraqueza sem conhecer a força : ninguém conhece as trevas sem conhecer a luz : ninguém conhece o *finito* , ou na extensão , ou na perfeição sem que lhe descubra , ou attribua alguma limite , o qual he huma negação de maior extensão , e de maior perfeição , e na

rea-

realidade vem a ser a mesma privação do infinito. Ora não se pôde representar a privação do *infinito* sem que se represente a forma negada, que he o infinito mesmo.

Ser, e não ser he manifesta contradicção : nenhuma cousa pôde ser , e não ser absolutamente finita , nenhuma cousa pôde ser , e não ser absolutamente infinita. Nem aqui há recurso para os modos , e maneiras de ser ; porque se huma cousa fosse em hum sentido , e genero finita , em outro infinita , ella sempre teria limites , e por consequencia absolutamente , e com verdade finita ; porque a infinidade que nesse caso se lhe concede he abusiva , he limitada , e não verdadeira.

Eu estou ja persuadido , que tenho em mim impressa a idea do infinito , supponhamos agora que o entendimento humano he hum espelho , o qual representa só os objectos , que lhe são fronteiros , e presentes. Que objecto finito terá virtude para representar no meu entendimen-

mento o ser infinito? Nenhum a fallar sem prejuizo. Não vem logo de mim, que sou finito, nem de qualquer outra cousa finita esta imagem do infinito, que vejo em mim representada, ella só pôde imprimir-se na minha mente do infinito mesmo positivo, que me quer illustrar com a sua presença, o qual conheço; e não comprehendo.

Fazendo bem reflexão nesta imagem, que tenho diante dos olhos da alma, a qual no meio das trevas da minha ignorancia me descobre clara; e distinctamente o objecto infinito, infiro recta, e ajustadamente, que esta imagem interna do infinito, que vejo, he o *infinito* mesmo, he hum ser, ou ente *real, vero, e bom, simples, e perfeito* em todo o genero, ao qual nem se pôde acrescentar, nem diminuir cousa alguma ficando como he infinito: elle que nunca foi começado, como nunca sahio do nada, para ser o que he, he por si mesmo: fica constituido no supremo gráo de ser;

o que he : nem póde ser alterado , nem acrescentado , nem anihilado .

O' ser admiravel sem principio nem fim , por ti mesmo existente , e tudo o que és , eu te conheço mais apalpando do que vendo , espero ainda ver-te por outro modo mais distincto , e mais feliz . O' idea do infinito , tu não és idea de cousa creada , e limitada , pois és infinitamente dissemelhante (a) a todo o creado ; tu és idea de hum ser distincto do meu , não de cousa alguma , que seja parte de mim : he meu o conhecimento , não o conhecido , certamente elle não he da minha natureza , nem hierarchia : tu és superior a mim infinitamente : por ti só alcanço , que por ti sou , conheço , e existo .

Pela existencia do infinito existe todo o finito , e eu conhecendo que conheço , infiro bem que sou , e existo . Mas

Part. II.

K

que

(a) *Domine quis similis tibi: Ps. 34. ad hæc verba: unus est, & similis illi non est: Deus meus est, & omne comparatum ei nihil est.* Kemp. Soliloq. animæ. Cap. 11.

que sou? O ser infinito? Não: huma participação, e limitação delle: se em mim não estivesse impressa, e mendigada a noção do simples ser, que he o infinito, ainda que cogitasse não poderia inferir que era, ou existia: eu não faria a reflexão devida para deduzir esta verdade tão certa, que vou a propor. Cogito: logo sou, e existo. Cogito com imperfeição, e perplexidade: logo não sou ser perfeito ou infinito, do qual não obstante tenho a representação em idea.

Vendo eu bem a minha ignorancia, e pobreza, que não fei bem o que sou, nem como principiei a ser, como posso, o que posso: como considero o que considero: fico admirado, e suspenso, conhecendo cousa tão grande, e magestosa, qual he o ser infinito até perceber nelle hum sem numero de attributos distinctamente, os quaes lhe convem, ou não. Como posso conhecer cousa tão alta, tão superior á minha natureza ignorante, sem que o mesmo infinito, que apa-

po,

po, ou alcanço pela visão do meu entendimento se presente diante delle, o conforto, ajude, e eleve, para vir a ter huma taõ admiravel concepção sem hesitação, e sem duvida?

Soccorrido ja Senhor das tuas luzes confesso, e adoro a tua Soberana existencia, a tua Benevolencia tambem, e a tua Infinitude.

Confirmação.

A noção do infinito he cousa positiva; porque refere hum ente positivo sem termos. A carencia de limites he negação no tom gramatical, no significado naõ; he cousa muito positiva; assim como a negação das trevas no tom gramatical he negação, no significado verdadeira posição, ou entidade. Limite, he que diz precisamente negação, pelo contrario quem nega esta negação affirma cousa positiva; a negação dobrada he huma affirmação: logo a negação geral de toda a negação do ser limitado he o ser infinito,

expressão a mais positiva que se pode conceber, e por conseguinte este termo infinito, illimitado, he infinitamente affirmativo, e diz ser positivo por sua expressão philosophica bem, e verdadeiramente entendida.

He logo preciso, que eu tenha estes termos infinito, e illimitado, como positivos. Em negando todo o limite, o que na mente concebo he tão positivo, e substancial, que não posso subrogar outra cousa por elle: depois de conceber mentalmente este termo, faço conceito de hum ser puramente hum ente, que o meu entendimento não limita, hum ser absoluto, e não semi-ser, a cuja classe pertence todo o ser finito particular deste, e não outro modo. Faço conceito de hum ser puro, absoluto, o qual sendo tal, e tão excellente, não pode deixar de ser infinitamente; e por consequencia sem limite algum, perfeito, e verdadeiro ser: o que he mais ente he mais *hum, vero, e bom*, o que he infinitamente ente, he infi-

infinitamente hum, vero, e bom; he optimo, he maximo, he perfejtissimo.

A medida do ser he a perfeiçãõ; a imperfeiçãõ só he carencia de alguma perfeiçãõ; a perfeiçãõ sem limites he cousa positiva: a imperfeiçãõ qualquer que seja he negaçãõ; aqui não ha ser ente, e prescindir de ser, ou não perfeiçãõ. Se he cousa sem limites no modo de ser he summa, e infinita perfeiçãõ. O nada, o mal, a falsidade não são cousa alguma positiva, e por conseguinte o mesmo he ser puro, ser simples, ser sem restricçãõ do que ser ente infinito. Mas eu continuarei a mostrar esta mesma verdade expondo mais, e separadamente o que nos diz, e representa huma idea, que temos innata do ser, ou ente representado sem restricçãõ a mais fecunda de todas.



ARTICULO III.

Terceira Idea , ou Nação o Ser.

EU concebo hum Ser , que he soberanamente hum , eminentemente tudo ; elle na sua summa unidade incluye toda a perfeição , exclue toda a imperfeição , porque não he restricto a alguma maneira de ser particular : ser huma tal cousa , he ser huma só determinadamente , e não todas as mais ; ser absoluta , e simplesmente he por essencia ser tudo , com perfeita exclusão do nada , e do determinada.

Quando eu digo do ser infinito , que he o *ser* , sem ajuntar mais nada , eu digo tudo : a palavra infinito ajuntada ao termo *ser* he superflua ; as palavras não se ajuntão senão para estender , ou determinar o significado das cousas. Ao termo *ser* bem entendido ajuntar he superfluo , ainda que se ajuntem as palavras mais amplas optimo , infinito , e maximo ,

ximo ; porque ellas com o termo *ser* , são palavras synonimas : quem intenta expressar o *ser maximo* pôde supprimir a segunda , e pronunciar só a primeira. Quem diz *ser* sem restringir , diz *ser* em permanencia ; sendo assim ha de ser optimo , infinito , maximo : donde parece superflua a addição da segunda palavra , só se for para quem menos entende a energia , e significação das vozes.

Quando porém a palavra , que ajuntamos ao termo *ser* , não for synonima no significado , mas que indique limitação , em tal caso a significação desse *ser* não he a mesma , he differente idea , e vem esse termo complexo a indicar , e referir outro muito differente *ser* , hum não puro , hum *ser* participado , o qual não enche a idea do absoluto , e por excellencia tal ; porque a participação do *ser* , he *semiser* , he *ser* misturado de nada , he *ser* de nada , e por conseguinte he *ser* em mutação , não permanente na sua existencia , foi e será sem fixo *ser* : seria logo degradar do entendimen-

mento a idea do ser ajuntar-lhe semelhante palavra, que restringisse o seu significado. Basta dizer, *he*, e tenho dito tudo, tenho concebido na minha mente, se bem percebo, o ser infinito, optimo, maximo. Deos he o *Ser*; (a) *afim*

(a) *Moyse ne dit point : celui qui est esprit me envoie vers vous : il dit celui qui est ; celui qui est dit infiniment da vantage, que celui qui est esprit : celui qui est esprit, n'est que esprit ; celui qui est par excellence est esprit, est createur, tout puissant, immuable, il est souverainement sans etre rien difini, & particulier.* Fenelon de l' *exist. de Dieu, & de ses attrib.* He certo que Fenelon no colloquio, e disputa com o incredulo, e em outros lugares se conforma com o systema de Malebranch sobre as ideas: donde o que fez a nota ao livro, que contém a vida, e acções do dito Fenelon, não tem razão alguma em dizer o contrario; e expoem muito mal o systema de Malebranch, pois elle não quer, que se vejaõ as cousas em Deos do modo que em Deos não estaõ, mas do modo que estaõ. Este systema de Fenelon he totalmente diverso do systema de Spinosa, e seus sectarios. Estes dizem, que não ha fenaõ huma substancia, que une em si como attributos todas as cousas, sejaõ intelligiveis, e intelligentes, boas, e más, quaesquer que sejaõ; porque todas ellas saõ affeiçoens, ou propriedades de hum ser, e substancia. Pelo contrario Fenelon diz, que o *ser* absolutamente permanente he soberanamente hum, e soberanamente tudo, *Il est tout etre ; & non tous les etres.* Il

sim entendo eu aquella palavra de Moy-
fés : *Ego sum , qui sum.*

Te-

*contient ce qu'il a de reel dans tous les etres par une simpli-
cite indivisible , e non par composition de parties.* Hist. da
vida de Fenelon. He perfeitoissimo , e todos os mais são real-
mente distinctos delle , todos , ou elles sejoão considerados *sin-
gularim* , ou *collective*. O ser per si existente he sim illimi-
tado , e contém toda a perfeição , mas por essa razão lança
fora todos os mais seres limitados , e em consequencia imper-
feitos : donde os seres limitados não podem ser desta substan-
cia affeições , ou propriedades , mas sim produções distinctas
realmente.

O Editor da historia da vida , e obras de Fenelon quer ,
que a doutrina deste grande homem não tenha nada de com-
mum com o systema daquelles , que dizem , que Deos he
não só causa das nossas sensações , mas tambem o objecto im-
mediato. Que Fenelon se não conforme com este systema te-
nho por indubitavel ; mas só duvido que haja quem susten-
te o tal systema. Certamente elle não he de Mallebranch ,
porque este Philosopho abertamente protesta , e diz que nós
nenhuma cousa sentimos em Deos. E se diz que em Deos
vemos todas as cousas , que vemos , nunca disse , que em
Deos se viao , ou podiao ver as cousas do modo que em Deos
não estao , quando muito do modo que estao. Se diz que Deos
he hum ser intelligivel , que contém na sua eminencia tudo ,
não diz que Deos he ser sensivel , ou que cousa alguma se possa
sentir nelle. Antes pelo contrario l. 3. cap. 6 traz as seguin-
tes palavras : *Verum etiam si dicam nos in Deo materialia ,
& sensibilia videre , me non dicere nos illa in Deo sentire.*

Temos em huma só syllaba indicado o nome de Deos effencial , e ineffavel ignorado , e conhecido da multidaõ , *Ser*. Ora tendo eu a noçaõ , e conhecimento deste purissimo ser permanente , e naõ successivo na sua existencia , só o ser infinito pôde enchella , e verificalla.

O meu Deos vós fois quem nesta idea objectada se me mostra. Vós fois o ser por excellencia , e naõ he necessario procurar mais nada , vós encheis toda a extençaõ , e energia do que diz esta voz daquillo que objecta este meu distincto conhecimento , e naõ ha mais nada nem no universo , nem no meu espirito , que possa indicar , e referir huma perfeiçaõ igual á vossa. Tudo o que naõ fois , ainda que pareça grande , he infinitamente menos que vós : tudo o que naõ fois só he do ser huma sombra. Vós fois o que fois : *Ego sum , qui sum*.

Ninguem pertenda persuadir-me naõ ter eu concebido , e conhecido distinctamente este *ser* , como tenho explicado , sei
cla-

claramente o contrario ; a claridade das minhas ideas não desmente , a evidencia não se separa da claridade dellas ; porque he innegavel que dois , e dois são quatro ? Não he porque o vejo claramente ?

Quem diz que vê o numero decimo incluso em o nono , tal cousa não vê , nem percebe : engana-se ; mas ainda quando erramos , o acto do nosso entendimento não pode ser de toda parte falto , e vazio de objecto verdadeiro. A noção do ser permanente , ou a permanencia no ser concebida no entendimento , he idea simples , não he composta , não he negativa , não he privativa , he absoluta , he positiva , e por conseguinte verdadeiro o seu intuito , ou percepção.

Dado porem que esta idea seja composta , he perceptivel , e intelligivel ; como ha logo de ser chimera , se ninguem percebe , o que esta seja , e que ente he ; mas sim que o não he , nem pode ser ? O que na chimera percebemos , ou entendemos he a discordia da liga entre duas ide-

as formaes separadamente verdadeiras , as quaes nunca unidas podem verdadeiramente referir realidade alguma , nem cousa positiva possivel , e natural prescindindo do acto , ou actos do entendimento adunante. Esta percepção sendo clara he igualmente verdadeira , nem pode ser falsa : fallo da percepção da discordia , ou concordia entre duas ideas.

Sendo isto verdade he innegavel , que o entendimento apprehendendo a simples idea do *ser* , não apprehenda alguma cousa real , em que o acto , ou intuito se termine , e se verifique. Nem o dito terminativo pode ser a razão de todos os entes abstrahida universalmente de todas as differenças ; porque ellas na supposição deverão ser exclusas da dita razão , e sendo tambem entes , não podem deixar de incluir-se , e meter-se dentro della ; e por conseguinte abstrahidas , e não abstrahidas induzindo nisto mesmo huma chimera , huma fallacia. Alem disto menos desdiz do verdadeiro homem o pintado , do que
o *ser* ,

o *ser*, e ente successivo do permanente ; a respeito deste os mais faõ como se naõ foraõ : he logo impossivel , que huma rafaõ univoca a ambos estes *seres* seja aquillo que refira a idea do *ser* sem restricçaõ , simples , permanente.

Sendo pois certo , que todo o conhecimento intellectual , principalmente de objecto simples , tem fundamento real , e verdadeiro : sendo tambem certo , que o ente sem limitaçaõ puro , e real he termo de algum conhecimento nosso intellectual , e naõ podendo ser aquelle famigerado universal communissimo , por naõ ser objecto apto para delle com evidencia se deduzirem tantas verdades , do mesmo modo que o naõ he o termo do conhecimento de hum montaõ de area , supposto em todos os grãos toque confuzamente , segue-se ser este termo couza diversa , e muito superior. He ente , e naõ determinado a algum modo de ser particular : logo he infinito , independente *a se.* &c. Fica logo innegavel ser termo do meu conhecimento

nhecimento em tal caso , coufa muito diversa daquelle pomposo , e fantastico universal ; vindo a ser diversa realidade , mas verdadeira. Que realidade he esta ?

O' permanencia no ser , ou ser simples sem mistura , tu naõ és chimera , ou a liga de muitas ideas discordes : em ti tudo concorda summamente. Este meu conhecimento , que de ti formo , ou em ti termino he verdadeiro , e sendo assim he consequente se haja de adoptar , ou verificar em hum ser optimo , perfeitissimo , maximo.

He bem verdade , que nem todos os homens profundaõ bem nestas , e semelhantes ideas fazendo as devidas reflexões , e discursos ; mas todos sentem as sobreditas verdades ; os rudes , ou engolfados no mundo apenas tocaõ nellas pelos sentimentos intimos da alma ; os contemplativos , e engenhosos , amantes da verdade , reflectindo sossegadamente , raciocinaõ rectamente , e deduzem as conclusões proximas , e remotas ; o que naõ
fa-

fariaõ sem ter concebido primeiro as ideias, e noções da verdade. Veja-se Malebranch. *De inq. ver. lib. 4. cap. II. (a)*

Porem como o dito Philosopho attesta, que nem a todos os homẽns saõ accomodadas este genero de demonstrações, podem os taes valer-se das muitas, e innumeraveis, que ha para mostrar a existencia de Deos, e do ser Supremo, escutando eu agora de o referir, e os Auctores aonde se podem ver; porque huma,

e ou-

(a) *Deum igitur existere æque evidenter patet, ac me existere mihi manifeste patet. Inde me existere colligo, quod me sentiam, nec sentiri possit nihil. Pariter concludo Deum esse infinite perfectum existere, quia eum percipio, nihilum vero percipi nequit, neque etiam infinitum in finito. Sed hactenus demonstrationes hominibus vulgo proponere inutile est; ista demonstrationes ad hominem dici possunt; quia omnes in genere homines non conveniunt, quia nimirum plerique et immo quandoque doctissimi, aut qui quamplurima legerunt argumentis metaphisicis attendere nolunt, aut non possunt, etaque vulgo summo opere aspernantur. Si ipsos convincere vellet proponenda sunt demonstrationes sensibus magis accommodata; quæ sane non desunt: nulla enim veritas pluribus probatur argumentis, quam existentia Dei. Idem, ibid.*

e outra cousa são obvias , e faceis de alcançar.

Illustração à idea do Ser na contemplação da idea da Unidade.

Eu tenho em representação , e concebo a idea da unidade sem composição , ou partição alguma ; inalteravel ella he infinitamente huma : e assim concebida só pode competir a Deos justamente , pois só elle he hum ser absoluto positivo , sem composição , ou alteração actual , e possível. Desta unidade summa , e impartivel , participa as outras unidades partiveis , e comunicadas ; as quaes não são exemplares desta , sim pelo contrario. O entendimento unido áquella primeira *unidade* se illustra para poder conceber as outras unidades , e combina-las clara , e perfeitamente (a).

Em

(a) Esta unidade , e numeros sentio S. Agostinho quando disse Conf. lib. 10. cap. 12. *Sensu etiam numeros omnibus corporis sensibus , quos numeramus : sed illi alii sunt quibus numeramus , nec imagines istorum , & ideo valde sunt. Rideat me ista dicentem , qui eos non videt , & ego doleam videntem me.*

Em huma palavra , a idea que temos da *unidade* , alem de ser muito subtil , he clara , e fecunda de infinitas verdades , della conhecemos as raizes , e proporções , e deduzimos os problemas , e demonstra-ções da Arithmetica , em quem toda ella , e as suas operações se radicaõ. Desta *unidade* combinada julgamos daquellas grandes sômas , que os sentidos naõ alcançaõ , mas só o entendimento. Ella naõ he logo , nem pôde ser o cumulo de todas as unidades confusamente conhecidas , a sua ordem he mais sublimè , e superior á esphera sensifera. Ora a idea do ente , ou do ser absolutamente fallando , e sem limita-la naõ he menos subtil , clara , e fecunda de verdades , que tem em si inclusas , ou connexas. Naõ digaõ logo , que ella he da pobre esphera sensifera , e accumulada confusamente no entendimento : eu digo , que naõ pode deixar de ser de esphera superior idea innata , ou noção infusa.

O' Idea do ente , naõ deste , nem daquelle limitado , mas sem limite , tu naõ

te apartas do meu conhecimento; será acaso porque não posso viver sem Deos? Tu não podes ser formada da congerie confusa de todas as ideas especiaes, pois primeiro te manifestas ao meu conhecimento, que outro qualquer particular. A idea que se forma das cousas particulares he pobre de luzes, não he tão ampla, e fecunda de verdades, e não poucas vezes engana, ou nos enganamos por ella. Tu não enganas, e as verdades que radicas, e inclues são infinitas, todas claras, e evidentes. He ente, e não lhe assignamos limite, logo he eterno, immenso, omnipotente, permanente, á se (a).

Nes-

(a) *Fieri non potest, ut (mens illa) penitus excutiat ideam illam generalem entis, quia non potest subsistere extra Deum. Idea illa entis quamvis magna, vasta, & vera sit, nobis adeo familiaris est, nosque ita parum afficit, ut eam nos non percipere pene arbitremur, ad illam animum non advertamus, ipsamque vix existere credamus, nec aliunde formari, quam ex congerie confusa omnium idearum specialium; quamvis contra in ipsa sola, & per ipsam solam omnia entia specialia percipiamus.* lib. 3. de veritate inquir. Malebranch. Idem

Nesta idea illuminado , e banhado de luzes , o entendimento sabe discernir as luzes falsas da verdadeira , sabe firmar o seu assenso vindo a concluir que o ser , ou ente sem limites só pôde competir ao *ser* Optimo. Elle he o que está luzindo , e alumando a todo o homem , que raciocina neste mundo, naõ havendo algum , por mais barbaro que seja , privado das suas illustrações , e influencias.

L 2

ART I-

Idem ibidem. Quamvis idea illa , quam percipimus per conjunctionem immediatam cum verbo Dei , nos nunquam fallat per se , ut fallere solent ideae , quas recipimus per conjunctionem cum corpore , quae res alias nobis representant , quam sunt. . Sc...



ARTICULO IV.

Prova-se a noticia de Deos innata a todos os homens a respeito dos Philosophos , que affirmão não estar destituido de todo o conhecimento de Deos quem obra bem , ou mal moralmente.

RECTAMENTE com S. Agostinho sente quem attesta , que Deos não pôde totalmente ser desconhecido ao que tem uso de razão : *Hanc esse veræ divinitatis vim, ut creaturæ rationali jam ratione utenti omnino, & penitus possit abscondi.* Devem pois todos , os que comigo rectamente sentem , convir tambem , que quem está obrando alguma acção moral , má , ou boa tem noções innatas da Divindade : elles conhecem a Deos como se suppoem ; não são porém todos socorridos de engenho , e applicação necessaria para discernir a força , que tem as provas , e demonstrações da Divindade , que se tirão das obras da natureza. Logo presci-
fas

fas estas demonstrações , segundo a forma logica por outro modo conhecem a Deos.

Eu não quero impugnar a solidez , e verdade das sobreditas provas consagradas pela Escripura , e por S. Thomaz , porém digo que nem todos os homens penetraõ , como he preciso , a sua força , e energia por falta de engenho , inapplicação , ou malignas disposições , que deturpaõ os sujeitos a quem se applicaõ , se he que se applicaõ. Com tudo Deos não he desconhecido do homem malevolo , pelo menos quando actualmente está exercitando a maldade , quando o está offendendo. Fallo daquelle homem , que nem de pai , mai , ou mestre tivesse nunca instrucção alguma da Divindade ; em semelhante caso , na falta de estar presente a demonstração pertendida , ou magisterio extrinseco , he preciso recorrer para o sentimento innato do Divino ser communicado pelas noções , que temos impressas no coração , do Ente Supremo , do prin-

principio primeiro, Creador do universo, &c. Estas, e semelhantes noções com suas luzes não só offerecem objectos do ser Divino, em que se termine o nosso conhecimento, mas também dão força para discernir, e perceber a verdade do licito, e honesto, do ordenado, e desordenado; daqui vem a obrigação que tem qualquer, de amar a Deos tanto que entra no uso da razão.

Nestas ideas tem auxilio, e a ellas recorrem ainda aquelles engenhos, a quem são accessiveis as demonstrações da Logica, e Geometria: porque sendo ellas tão subtiz, e complicadas servirá o seu uso para quem as penetra quando dellas usa; passado esse tempo poderá entrar a trepidação, talvez pelo menos nos impi- os, de ter sido enganados.

Em fim nem todos os agentes racionais conhecem a Deos sempre pelas demonstrações formalizadas, e com tudo não ha homem algum bem, ou mal regulado a quem o Supremo Numen seja
total

totalmente escondido : são logo precisas as ideas innatas, ellas são de todos, e sem filogifmo formado nos fazem sentir no coração hum Ser Supremo, que nos creou, hum Juiz que nos pôde castigar, hum Senhor a quem devemos respeitar, e isto com tanta, ou maior certeza, do que aquella que tem o rustico do motu, e tempo, que sabem conhecer, sem saber definir, pela communicacão, e sentimento das sobreditas verdades, que aprendem sem ensino, nem magisterio exterior.

Ainda os mesmos que discorrem agudamente são conduzidos, e ajudado pelas luzes das ideas innatas, e intelligiveis para formar as demonstrações metaphisicas de Deos, as quaes não impugno, antes reconheço com S. Paulo nos grandes Philosophos. Em huma palavra as demonstrações da ração, e da arte são accõmodadas para quem percebe a sua força; as noções innatas são universalmente perceptíveis, ainda para quem não reflecte no que o seu conhecimento sente.

Por

Por hum e outro modo se vê a verdade com certeza, mas talvez fora daquelle ponto de vista fixo, em que deve estar, para melhor ser vista, o qual nem sempre he designavel em todas as materias scientificas, como se designa apontado na perspectiva theatral.

No grande dia de Juizo será Deos conhecido por todos mais clara, e distinctamente, então pela nimia evidencia ninguem deixará de conhecer, que Deos he Deos: antes do dito dia Deos, a respeito dos viadores corruptos pelo vicio original, pode dizer-se noto, e ignoto, conhecido, e desconhecido: porem de tal modo he com effeito cognoscivel, que todos os impios, indifferentistas, e Atheos veraõ nesse angustiado tempo a injustiça de o não confessarem, e reconhecerem agora.

A obstinação, e ignorancia pratica destes infelices he inexcusavel. Basta para convence-los especulativamente da sua cegueira, fatuidade, e imprudencia a in-

na-

nata ração , prescisa a fé , e methaphy-
fica evidencia das provas de Deos.

ARTIGO V.

*He imprudentissimo todo aquelle homem que
nega , ou não confessa a verdade de hum
só Deos.*

O meu intento não permite demorar-
me aqui expondo as provas , que a
mesma ração natural tem descoberto , e
apontado no grande livro da natureza ,
nem tão pouco as demonstrações da Phi-
losophia para convencer o entendimento ,
e persuadir o homem sobre a existencia
real de hum Deos Creador do universo ;
remetto o leitor para os sabios , cujo es-
pecial intento foi este : (a) supponho
que

(a) *Mr. Francois ; De la Religion de J. C. contra
Spinofistas 4. 1. Idem Defense de la Religion contre les diffi-
cultes. 4 1. Fenelon Demonst. de la exist. de Dieu 1, e 2.
part. Dialogo entre Theophilo , e Eugenio. Cartas de huma
May a seu filho traducção em Portuguez. S. Thomas cont.*

que os Atheos , e libertinos com quem agora fallo tem lido , e examinado estas provas. Vejamos o que dizem , e como discorrem.

Diz o libertino indifferentista : que este Deos , cuja existencia , conhecimento , e confissão solemne entra em disputa , he , ou se suppoem infinitamente distante de nós : donde não se pôde tomar o partido de nega-lo patentemente á vista das provas , nem de affirma-lo positivamente , não sendo estas provas geometricas demonstrações , mas que em lance tal se deve suspender o juizo. Porém eu digo que nada está mais perto de nós : *In quo vivimus , movemur , & summus* : digo mais , que ha outra especie de demonstração tão certa , como a demonstração mesma da Geometria. A maior parte das grandes certezas , que nós temos , são
for-

Gent. seus commentadores , e todos os Theologos que escreverão de *Deo & attrib. divin.* Tambem merece ser allegado Bergier tanto no *Deismo refutado* , como na *Apologia.* &c.

formadas sobre outros principios : algumas ha que estão estabelecidas sobre hum pequeno numero de provas , que não sendo infalveis separadamente , em certas conjuncturas se roborão de tal sorte unidas humas com outras , que só hum homem amente , ou de genio extravagante pôde meter ahi duvida ; mas este tal tambem a poderá impor na demonstração da Geometria. A esta classe pertence a certeza , que temos de Roma tão distante da nossa vista. Ora eu não quero conceder , que a existencia de Deos seja demonstrada só por este modo , he por muitos , mas hum só me basta.

Estas provas não são só moral , e physicamente certas ; muitas chegam a ser demonstrações methaphisicas : prescindindo porém agora de duas classes dellas , ponho diante dos olhos do entendimento a existencia Divina notificada como he , só por hum dos tres modos separadamente : que importa que as provas da existencia de Deos não sejam demonstrações da

da Geometria, se por outro modo mais conveniente, e accomodado ao juizo dos homens são solidas, e certas?

Delibere pois já o homem racional, e dê o seu assenso voluntario á verdade, confesse tambem com a lingua solta em vozes allegrementemente a hum Deos Creador de tudo, que de nada o fez neste mundo existente para o servir agradecido, e reconhecer como seu principio primeiro, e como seu fim ultimo. He preciso deliberar sem demora em materia tão importante em que nos vai tudo; em que podemos trocar pela morte, e supplicio extremo, a felicidade eterna, a vida verdadeira: he preciso deliberar.

O indifferentista Atheo por causa da distancia infinita do objecto, e por falta de demonstração geometrica diz, que neste lance fica indifferente sem tomar partido algum; diz que suspende aqui o seu juizo, sem negar que há Deos, nem affirmar, sem assentir, nem dissentir. Devia porém advertir, que esta suspensão volun-

luntaria , e livre he deliberaçãõ , esta duvida he julgar que naõ ha motivo solido para assentir , e por consequencia he negar illicitamente a verdade sendo as provas taõ solidas ; em fim he tomar partido imprudentissimamente , e o peor.

A ração he manifesta , porque tomar a resoluçãõ de suspender , he tomar partido , he naõ querer voluntaria , e positivamente confessar , e reconhecer a Deos , he rebelar-se contra Deos , he deixar a Deos, he sem controversia expor-se a perder irremediavelmente o unico , e verdadeiro bem , cahindo ao mesmo passo no mais profundo chaos de miseria , e infelicidade extrema , he perder tudo , pois sem Deos tudo he nada : tomando porem o partido de reconhecer , e confessar a Deos nada se perde ; porque a pretendida felicidade das creaturas he falsa , e no caso de serem ellas alguma cousa, o seu uso se pode fazer com Deos mais licito , e digno de preço.

A necessidade de escolher he manifest-

ta, e indispensavel: em assentir á existencia de Deos confessando-o, e reconhecendo-o nada se arrisca; suspender suppostos taes, e taõ relevantes motivos, e provas da verdade, he omittir livremente o assenso, e confissão, e por conseguinte he tomar voluntariamente o pior partido, cheio de precipicios irreparaveis; he arriscar tudo para ganhar nada. Pela qual razão este partidista he mais imprudente, e precipitado que hum jogador, o qual por não arriscar hum real se exposse a perder cem milhões.

Passo adiante, e precavendo a infancia de Volter advirto aqui, que eu não pertendo dizer que o interesse de reconhecer, e confessar a Deos, seja prova da sua existencia, mas digo que as provas relevantes da dita existencia juntamente com o interesse fazem com que a omissão livre, e a subtração positiva do assenso áquella verdade, seja imprudente fatuidade, perniciosa, e vituperavel: assim como o interesse do lavrador não sendo

pro-

prova para haver de lucrar, e recolher, semeando no tempo opportuno, faz que ajuntando-se a moral certeza do lucro, seja imprudencia a omiſſão voluntaria da sementeira, e eſſa inacção, fatuidade, ou pelo menos extravagancia.

Naõ estamos no caſo de negar o aſſenſo a huma queſtão de Mathematica puramente eſpeculativa, a qual naõ tenha com a pratica urgencia alguma, e que nada importe ſabe-la, ou ignora-la, em tal caſo, preſcisa a evidencia da Geometria, ſeria canon da mais rigida Philoſophia ſuſpender o juizo: naõ estamos por certo nelle caſo, mas em hum lance apertado, e de conſciencia, no qual devemos lançar o noſſo calculo por huma, ou outra parte, eſcolher, e deliberar, (ſe bem que a evidencia das provas de Deos he tanta, que até em materia eſpeculativa puramente ſeria infractor daquelle canon quem ſubtrahiſſe o ſeu aſſenſo, quem omittiſſe, quem ſuſpendeſſe) duvidar da verdade em tal

caso he naõ menor mal , do que crer , e assentir ligeiramente sem motivo solido. Se o Divino ser me ha feito para o conhecer pela ração , e ideas , que de si me ha dado , e por outros mil modos , que me subministra claros e perspicuos , ferei inexcusavel se me cegar por huma duvida caprichosa, geral, e vaga, que posso enganar-me. Ainda no caso, naõ concedido , de serem só apparentes as provas de Deos eu teria escusa de as seguir praticamente , e submetter-me a ellas ; pois que cousa poderia eu fazer melhor do que servir-me fielmente de quanto ha na minha maõ em ordem a caminhar direito para a verdade , para a bondade , para a felicidade.

Naõ tenho fundamento para desconfiar , que Deos exista , e me quer fazer feliz , naõ posso licitamente subtrahir o obsequio preciso do meu assenso á vista de provas taõ solidas , só na duvida geral que posso errar , e enganar-me : aqui o assenso positivo naõ me pôde ser nocivo , nem suspeito ; mas sim a sua omissão teimosa.

Com

Com tudo diz o Libertino , eu me não acho movido para positivamente assentir , e he imprudência fazer violencia ao meu juizo. Ao que respondo , que em taes circumstancias não he imprudencia mandar ao juizo dê o seu assenso ; he caso em que a vontade pôde a respeito do entendimento exercitar aqui o seu imperio. Como poderá porém a vontade do Libertino mandar ao seu juizo este assenso , se ella he a que tem voluntariamente toda a culpa ? Queira elle seriamente tirar o veo que se conserva nos olhos , e logo verá a solidez dos motivos , que lhe são propostos para confessar a Deos , e perceber os sentimentos do coração , que lho dão a conhecer por experiencia : tire os obstaculos , que entropoem as paixões desordenadas , que fomentaõ a sua elevação altiva , e soberba ; tire a nuvem grosseira das terrenas conveniencias , e busque sêria , e socegradamente a Deos , e logo o achará : *Elle apparece a quem o busca , a quem o de-*

zeja. Onde está o sabio , diz Ozeas , e elle entenderá o que eu digo ; porque os caminhos de Deos são direitos , os justos por elles andaraõ , e tropeçaraõ nelles os máos.

Quem não sente no coração , nem descobre no entendimento o primeiro principio , que antes de se escrever o Evangelho já fallava desde a criação do mundo , quem não conhece o ser Divino , bem pôde reputar-se por homem stúpido , e sem discernimento , só a semelhante casta de gente poderá fazer-se imperceptivel a noção da felicidade , a noticia do Creador do universo , cuja sabedoria , e providencia se faz admirar no bichinho mais pequeno , e mais desprezivel. Todo o Ceo , e toda a terra narraõ a gloria de Deos.

Eu pasmo quando contemplo a corrupção , miseria , e cegueira humana , a qual fomenta não só o Atheismo que nega a Divindade , mas tambem induz o Polytheismo , que pretende reparti-la

por

por muitos falsos Deoses ; sendo só hum
o verdadeiro evidentemente demonstrado.

ARTIGO VI.

*A Idea que temos do Ser , ou Ente Supre-
mo dá a conhecer claramente, que he
só hum o verdadeiro Deos.*

GRANDE por certo he a corrupção
humana fomentada pela concupif-
cencia , que domina nos impios : elles
tem confagrado por Deoses as cousas
mais abominaveis , e indignas : tem for-
mado , e abraçado religiões taõ fabulo-
sas , e paradoxas , que o mais rude en-
tendimento descobre nellas claramente á
primeira vista a falsidade , e ridicularia.
O' lastimosa cegueira humana ! Poem
voluntaria , e alegremente os homens por
todos os modos obstaculos , para naõ vir
a conhecer hum só Deos verdadeiro , e a
verdadeira religião.

*A razão natural destrõe totalmente
o Polytheismo.*

Admittir dous Deoses he não admittir nenhum ; porque não póde haver dous supremos. O Ser Supremo he per si mesmo só , e sem igual. Dous , ou tres Seres Supremos , na supposiçãõ de terem tambem per si mesmo a existencia illimitada, seriaõ, não obstante, cousa menos perfeita , que aquelle que he singular , unico , e sem igual : os dous hum se limitava pelo outro , o unico por ninguem ; a sua intelligencia he igual á sua intelligibilidade essencial , no outro caso não. Mas nós não podemos admittir semelhantes supposições , e possibilidades tendo como temos clara , e distincta idea de hum só Ser Supremo , á qual se não póde ajuntar imperfeiçãõ , nem tirar perfeiçãõ alguma , sem anihila-la , e destrui-la , ella he impartivel , he inapplicavel a muitos individuos da mesma especie : por consequencia neste particular nos vemos o-

bri-

brigados a reduzir tudo a unidade.

Eu não tenho , nem posso ter idea clara de dous seres infinitamente perfeitos , antes pelo contrario tenho conhecimento evidente de que os não ha , nem pôde haver ; porque cada hum delles admittida a supposição , seria menos apreciavel , e perfeito que hum só , e nenhum seria ilimitado , e perfeito. Tendo eu pois idea clara de hum ser ilimitado e infinito , hei de concluir haver-se verificar só em hum unico na perfeição , na superioridade , na inequalidade ; hei de excluir necessariamente a possibilidade de muitos Seres Supremos , optimos , maximos , e admittir hum unico , e verdadeiro Deos. Por outros termos mais claros.

Se fossem muitos Deoses nenhum seria supremo , ao menos não seria optimo , e perfeitissimo ente , como Deos deve ser. Sendo muitos Deoses haveria nelles igualdade , ou desigualdade , e em qualquer das supposições faltaria a hum a perfeição do outro , e por consequencia

nenhum continha toda a perfeição nenhum seria optimo , ainda no caso de ser algum delles melhor. Admittida a maioridade ficaria exclufa a Divindade dos menores , e inferiores tomados cada hum de por si ; porque de outro modo a perfeição de dous menores semi-deoses poderia equilibrar-se com a perfeição do maior ; mas então a perfeição deste ficará commensurada por duas perfeições limitadas , e imperfeitas , refundindo-se tambem nelle por esta causa a finidade , limitação , e menos potencia.

Sendo diversos eraõ encontrados , ou coarctados os poderes (a), e quem poderia reduzir á ordem tantos potentados ?

Ahi

(a) *Qu chacun de ces deux infinis pourroit produire des etres a l'infini , ou il ne le pourroit pas. S' il ne le pouvoit pas , il ne seroit pas infini contre la supposition. Si au contraire il le pouvoit independemment l'un de l'autre , le premier qui commenceroit a produire des etres , detruiroit son egal ; car cet egal ne pourroit pas produire ce que le premier auroit produit : donc sa puissance seroit borné par cette restriction. Donc il est clair que le premier des deux qui agiroit librement sans l'autre , detruiroit l'infini de son egal. Fenelon pag. 456.*

Ahi era natural , e necessaria a discordia com sua filha a inquietação ; era inevitavel a miseria exclusiva a felicidade , e a Divindade.

O Ser Divino ha de ser incomparavel , e independente , hum só por essencia sem limitação alguma , mas ao mesmo tempo sem composição de muitos. He per si mesmo simplicissimo , e tudo o que póde ser com eminencia singular. Nem póde deixar de ser summamente hum , sendo por si mesmo existente. Os mais seres , ainda que se multipliquem , não tem , nem podem ter igualdade , nem comparação com elle , e fallou bem de Deos quem fallando com elle disse : *Omnes gentes quasi non sint , sic sunt coram te* : os mais estão no arbitrio do primeiro para principiar , e continuar no que são ; e como são continuamente conservados , foram , e serão sem fixo ser ; sempre dependentes do permanente : communicão sim , e são neste contidos mas com eminencia ; porque só elle de-

ve ter , e tem actualmente tudo por hum unico , e singular modo , mas perfeitissimo , exclufa a multiplicidade das perfeições formaes da creatura , que as tem sempre limitadas , nem as pôde ter de outro modo communicadas , e emprestadas por aquelle Deos , que he por essencia , e sem limite optimo , independente , permanente , e perfeitissimo ser , Creador de tudo , que contém tudo , hum summamente.

Sendo esta verdade taõ patente , grafou com effeito no mundo taõ monstruosamente o Polytheismo por hum modo taõ barbaro ainda na Grecia , e Roma civilizadas , por hum modo ridiculo , taõ fatuo , e abominavel , como se vê da Historia das gentes , e da Theologia dos idolatras recantada com vivas cores de Eloquencia pelos poetas Gentios , cheia de fabulas , mentiras , e embustes taes , que sendo produzidas contra Juliano Apostata , elle se vio obrigado a dizer que os seus Poetas mentiraõ : mas se mentem

os Theologos do Polytheismo, que credito merece a sua religião? A verdade he que sendo os ditos poetas homens civilizados não se atreveraõ a dizer quasi nada do muito, que he impia, e depravada a Polythea taõ abominavel, e falsa no dogma, como execravel no rito, e na liturgia. Todos os vicios, e viciosos eraõ colocados sobre as Aras: as virtudes, e seus sequazes abatidas, e profanadas.

O que tudo nos mostra bem claramente a corrupçaõ originaria da nossa natureza, e a idea da felicidade perdida, que ficou, ainda que obliterada, na mente humana. A corrupçaõ influe para o conhecimento de Deos inverso, ou para o total esquecimento. A felicidade perdida não deixa de todo apagar a memoria da Divindade; mas vencendõ a corrupçaõ pela desordenada concupiscencia faz que o homem desvie o appetite innato da felicidade fora da linha recta, e direita que leya de sua natureza. He o homem

mem natureza fim corrupta , mas reparavel , por essa causa não só a idea do Divino Ser , e da *felicidade* permanece nelle ; mas para que de todo se não possa esquecer falla Deos de fora aos sentidos aquillo mesmo , que já tinha escrito dentro do coração , para que possa mais facilmente reter , e conservar dentro , o que já se lhe vai a dizer fora.

A R T I G O VII.

A Historia da criação do mundo , e propagação do genero humano , com a serie de acontecimentos que narraõ os Livros Santos , confirma a idea , que temos de Deos , e a verdadeira corrupção originaria reparavel.

ADAM communica a seus filhos a noção da Divindade ; elles com este novo soccorro retem mais , e melhor a memoria de Deos , o conhecimento da sua miseria originaria , a lembrança do Libertador , e Messias promettido , por
cujo

cujo meio , e mediação se havia de applicar o remedio á corrupção da natureza , e meter outra vez o homem na posse da felicidade. Tal he porem a propensão da concupiscencia , que vai fazendo esquecer pouco a pouco a Tradição dos maiores , as vozes da natureza , e os sentimentos do coração. Poucos annos antes do Diluvio universal estava já o mundo bem esquecido , e todo corrupto , abolida a memoria de Deos , e do Libertador futuro , e promettido. Foi preciso castigar , e exterminar do dito mundo todo o genero humano com diluvio de agoa.

Deste naufragio só a familia de Noé foi conservada na arca , e tornando a prevalecer o culto , e memoria do verdadeiro Deos , em quanto viveo Noé , e os filhos que o imitaraõ , finalmente foi declinando pouco a pouco , até que se aboliu pela maior parte o verdadeiro rito , prevalecendo o falso de muitos Deoses , introduzido até na casa de Thare , Pai de Abraham.

Este

Este Patriarcha he chamado por Deos , para nascer da sua geraçãõ o Messias Libertador: por esta causa o enche de benções , e promessas : manda-o circumcidar, e a seus filhos , e vernaculos , segregando esta familia depositaria das Divinas promessas , de cujo gremio havia nascer o Libertador.

Pouco depois vem Moyfes para tirar os filhos de Abram do captiveiro do Egipto; escreve, e dá a luz á Historia da Creaçãõ do Mundo , da queda de Adam , das promessas do Redemptor. Recebe de Deos a Lei no Monte Sinai , e descreve os seus Ritos , a Policia Judaica , as varias alterações que havia de haver antes , e depois da vinda do Messias. O mesmo Deos de Abraham , Isaac , e Jacob , que falla a Moyfes , e o designa para taõ relevante empreza , perguntado pelo seu nome , responde , que elle he o que he : *Ego sum qui sum* : Eu sou o que sou , isto he sou o *Ser* Supremo, maximo, optimo,

Grande , e clara noticia tem aqui todos

dos os homens da magestade , unidade , e superioridade do Divino *Ser.* Os livros de Moysés são espalhados por todo o mundo. Dos livros de Moysés tiraraõ os Legisladores humanos as suas justas leis. O Autor deste livro tem todos os caracteres para ser crido ; he em certo modo contemporaneo , porque viveo com os filhos de Noé , que viveo com os filhos de Lamech , que viveo com Adam , e podia ser bem facilmente arguido se fosse mentiroso ; porque tratava de huma coufa , que quasi era a unica materia da Historia daquelle tempo , cultivada de todos , sabida de todos , comprehensivel a todos , naõ obstante o dilatado dos tempos ; pois eraõ tambem as vidas dilatadas , e poucas gerações.

Moysés he o primeiro escritor notorio , e sem preambulo algum entra a relatar a creação do mundo por modo taõ magestoso , conciso , e claro , ao mesmo tempo suafivo , que naõ tem caracter de ser puramente humano.

Moy-

Moyfés de cuja pessoa , e livros fazem menção os Auctores profanos he dotado de hum grande espirito , integridade , e mansidão , a sua vida escreveu Philo ; recusa ser filho da filha de Pharaó , e por consequencia senhor do Egypto. Depois de se haver retirado do mesmo Egypto , vem fallar a Pharaó na presença dos Magos da sua Corte , e lhe diz em alta voz , que há hum só Deos verdadeiro , que o manda fazer retirar do seu povo os filhos de Israel , para lhe sacrificarem no Deserto , ás abominaçoens do mesmo Egypto ; ameaça , e prediz pragas , e castigos horrorosos a Pharaó no caso de renitencia , e dureza do coração á voz de Deos : tudo assim acontece como prediz. Confirma a sua missão com infinidade de prodigios , nos quaes os mesmos Magos confessão estar o dedo de Deos : não foraõ algumas só poucas , e singulares testemunhas , as pessoas que presenciaraõ estes prodigios , suspeitosos , e incompetentes , em lugar occulto , mas
a mul-

a multidão mesma de ambos os povos , á luz do universo. Nenhum Egypcio ignorou as plágas , mortes de todos os primogenitos , e subversões no mar vermelho : todos os Amalecitas , e mais povos , vencidos milagrosamente pela oração de Moyses , nunca reclamaraõ contra a verdade da Historia Judaica.

Que direi dos Israelitas no espaço de quarenta annos no Deserto ? Naõ saõ todos testemunhas contestas desta verdade ? Nenhum ja mais contradiz a Moyses , nem o arguio de falsario nas occasiões , que tinha para o fazer , urgentes , e accõmodadas ; quando eraõ os Israelitas arguidos de infraçtores por Moyses , pondo-lhe , para affear a ingratitude diante dos olhos , os Divinos beneficios , e milagres , que Deos obrou por seu respeito , numerando-os determinadamente , nada reclamaõ , todos se calaõ : quando em dois differentes tempos , e conjunturas mandou matar juntamente mais de vinte mil pessoas ; quando lhe prescreve huma lei



lei taõ contraria á natureza , e taõ áspera , que naõ só impoem pena de morte aos delictos atrozes , mas ás mesmas infracções das ceremonias legaes , tudo se cala.

Parece estar Moysés feito senhor da vida , e da morte ; manda aos elementos , e he delles obedecido ; faz quando quer inverter o curso da natureza ; que outra cousa nós dizem a passagem do mar vermelho a pé enxuto ? O Maná sustento no Deserto ? A columna de fogo , e de nuvem , a incorruptibilidade do vestido , e calçado , a protentosa recepção da Lei , a especialissima providencia em todos os lances apertados , com os factos , e prodigios admiraveis , que se referem no Pentateucho ?

Por ventura este homem naõ merece ser acreditado ? Ainda que huma , e outra vez tivesse concertado com Moysés o povo Judaico a mentira , naõ poderia perseverar constantemente nella , sem haver hum só individuo em tanto tempo ,
que

que descobrisse o enredo. Nem Moysés tinha caracter de mentir, nem o povo de submeter-se a huma Lei taõ rigorosa, se não visse abertamente, que Deos era quem a dava, e solemnizava com tantos prodigios.

A evidencia da Divina palavra foi a causa da sua recepção: o mesmo motivo impelliò para que os Judeos estimassem tanto os livros da Lei: para que com o maior desvelo os guardassem, e conservassem estampados nos ritos praticos da sua observancia.

As ceremonias Legaes differentes, os diversos sacrificios, a selecção da Tribu de Levi para o Sacerdocio e culto do Templo, he huma prova viva do Livro de Moysés, que tudo isto ordena. A Urna do Manná, as Tabulas da Lei, a Vara de Araõ reposta no Sanctuario que querem dizer? O Cordeiro Paschal, os Azimos, a Festa dos Tabernáculos que trazem á memoria?

Em fim todos os diversos ministeri-

os do Sacerdocio Levitico ; todas as ceremonias dos Sacrificios , e purificações Moyfaicas ; todas as Leis , e sua observancia tem respeito ao Livro de Moysés ; se os caracteres mortos do dito Codigo se perdessem , destes vivos caracteres se poderia outra vez estampar.

A Moyses succedem outros Prophetas , que tambem fazem patentes , e dão á luz os seus vaticinios , e todos são juntos pelos Judeos ao Pentateucho. Elles predizem algumas cousas , as quaes se verificaraõ logo , para que este acontecimento veridico fosse naõ só prova da missãõ dos taes Prophetas , mas tambem de haver-se verificar do mesmo modo , e com a mesma exactidaõ , e certeza , o que respeitava tempo mais dilatado , e remotissimo. Nós se naõ vemos ainda tudo , vemos quasi tudo verificado , esperando o que respeita até o fim do mundo.

Todas estas Prophecias annunciaõ o Messias Libertador , o Salvador , e Restaurador da Natureza humana. Os Pro-
phe-

phetas designaõ as mais miudas circumstancias da vida , e morte do Messias , os milagres , a Resurreiçaõ , a mudança do Sacerdocio , a nova Lei , a sua dilataçaõ , firmeza , e existencia , a pezar do conato do inferno , e poder mundano armado de colera , e sanguinolenta ira em que haviaõ vencer pacificamente os cultores , e sequazes do Messias , até imprimir a sua doutrina , e gravar a sua divisa nos corações dos mesmos , que lhe faziaõ guerra , Sabios , Oradores , Imperadores.

He grande prodigio , he admiravel Providencia de Deos , a cuidadoza , niamamente escrupuloza , e fidelissima conservação destes Livros pelos Judeos , sem mutilação alguma naquelles lugares , que são injuriosos a elles mesmos , que convencem os seus erros , propallaõ a sua infamia , e rebeldia. Como he possivel conservem os Judeos modernos , sincera e fielmente , as passagens da Escripura , em que a vinda do Messias , se mostra clara , e perspicuamente já passada ? Esta reten-

ção incorrupta, he, e foi sempre hum argumento invencivel da identidade, e verdade dos sobreditos Livros de Moyfes, e mais Prophetas.

Quanto aqui tenho narrado não he por ventura, feita seria averiguação, huma demonstração moral, mas evidente da Divindade? Que ha hum Deos Omnipotente, que sabe quando quer inverter a ordem da Natureza, e dar-se a conhecer em verdade, e em Magestade? Que este Grande Senhor offendido pelo homem, ficou logo todo o genero humano sujeito á morte, corrupto, injusto, e desordenado? Que para pôr remedio a taõ grande mal virá mandado pelo grande Deos hum Libertador, e Salvador, não só do povo Judaico, mas de todo o mundo?

Em termos mais concisos.

Se houve Moyfes, e este he o Auçtor do Livro que se lhe imputa, a Religião

Judai-

Judaica , e tudo quanto prescreve he dada por Deos , e he verdade.

Está verificada a supposição pelos monumentos de huma , e outra historia , e os mais , que se referem em todo este Artigo.

Logo Deos he hum Ser perfeitissimo : o homem peccou originalmente ; foi promettido o Messias Libertador , que infalivelmente virá em tempo prefixo , para instituir novo Sacerdocio , e nova Lei : ainda mais concisamente : sejaõ quaesquer que forem os Escriitores dos Livros Santos do Velho Testamento , he certo , que elles , existindo em diferentes lugares e tempos , concordaraõ sem conferir , predizendo muitos seculos antes a nova Lei , e vinda do Messias , com todos os caracteres , e circumstancias , com que veio sem faltar hum apice , como a seu tempo direi. Ora isto não podia ser humanamente , porque os futuros livres , e contingentes , são reservados só a Deos. Só Deos podia revelar hum facto taõ circumf-

cunfanciado , e totalmente inconnexo com quaesquer causas naturaes.

Resta averiguar quem seja este Libertador , e se já , e quando veio.

A R T I G O VIII.

Este Messias não he Mafoma , nem a Seita Mahometana verdadeira Religiaõ : só a boa razão basta para mostrar patentemente esta verdade.

PARA figurar-mos huma Religiaõ taõ abominavel , como he a Seita dos Mahometanos , poremos diante dos olhos hum monstro tal como Mafoma , homem summamente corrupto , e luxurioso , aleivozo , cruel , infame , demoniaco. Os caracteres da pessoa , e Alcoraõ de Mafoma , nem de longe se equivocã com o Messias verdadeiro , e sua Santa Lei. O Dogma , e Canones de Religiaõ de Mafoma , quasi todos são carnaes , e torpes : a Doutrina , e Religiaõ do Messias toda he santa , espirital , e Divina.

Nem